

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES *CAMPUS* ZÉ DOCA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA

LARA GABRYELLY DE SOUSA FERREIRA
MÁRIO DOS SANTOS FURTADO

DESCONSTRUINDO O PRECONCEITO LINGUÍSTICO: uma proposta pedagógica
aplicada na 1ª série do Ensino Médio na Escola Professora Antônia Eirilênia Pontes
Rodrigues, em Araguaã -MA

Zé Doca - MA

2024

LARA GABRYELLY DE SOUSA FERREIRA
MÁRIO DOS SANTOS FURTADO

DESCONSTRUINDO O PRECONCEITO LINGUÍSTICO: uma proposta pedagógica
aplicada na 1ª série do Ensino Médio na escola Professora Antônia Eirilênia Pontes
Rodrigues, em Araguaã -MA

Proposta pedagógica apresentada ao Curso de Letras com habilitação em língua portuguesa e suas literaturas da Universidade Estadual do Maranhão para a obtenção do grau de licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof.^a Ma. Andreza Luana da Silva Barros

Zé Doca - MA

2024

Ferreira, Lara Gabryelly de Sousa

Desconstruindo o preconceito linguístico: uma proposta pedagógica aplicada na 1ª série do ensino médio na Escola Professora Antônia Eirilênia Pontes Rodrigues em Araguaã - MA / Lara Gabryelly de Sousa Ferreira, Mário dos Santos Furtado. – Zé Doca, MA, 2024.

51 f

TCC (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas De Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Zé Doca, 2024.

Orientador: Profa. Ma. Andreza Luana da Silva Barros.

1.Preconceito linguístico. 2.Diversidade linguística. 3.Educação. 4.Didática. I. Furtado, Mário dos Santos. I.Titulo.

CDU:81'276:373.5(812.1)

LARA GABRYELLY DE SOUSA FERREIRA
MÁRIO DOS SANTOS FURTADO

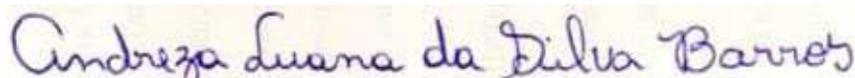
DESCONSTRUINDO O PRECONCEITO LINGUÍSTICO: uma proposta pedagógica aplicada na 1ª série do Ensino Médio na escola Professora Antônia Erilênia Pontes Rodrigues, em Araguaã -MA

Proposta pedagógica apresentada ao Curso de Letras com habilitação em língua portuguesa e suas literaturas da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof.^a Ma Andreza Luana da Silva Barros

Aprovado em: 28/08/2024

BANCA EXAMINADORA



Orientadora: Prof.^a Ma. Andreza Luana da Silva Barros



Prof. Dr. Eliúde Costa Pereira



Prof.^a Ma. Ane Beatriz dos S. Duailibe

Ao Deus todo poderoso e a nossa família pelo incentivo e compreensão pelos momentos de nossa ausência.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por nos ajudar a ultrapassar as enormes barreiras com as quais nos defrontamos no caminho até aqui, nossa jornada não foi nada fácil, sem ele teria sido impossível.

A nossas famílias e amigos, todos aqueles que de forma direta ou indireta foram nossos esconderijos e alicerces nas horas de provações, frustrações e dores, pessoas como Edicelia Furtado, Mário Júnior, Eliane Furtado, José Furtado e Adailton Silva.

A nossa orientadora, professora Andreza Luana Barros, pelo exímio e valioso trabalho de orientação, direcionamento e aconselhamento. Sem sua dedicação e amizade, nada disso seria possível.

A todos aqueles que contribuíram e de alguma forma cooperaram para a produção deste trabalho, nossos professores da faculdade, a gestão da escola na qual realizamos essa pesquisa, a aqueles que, atendendo nossos pedidos, leram e releeram este texto dezenas de vezes, a fim de nos fornecerem nossos horizontes, nossa imensa e eterna gratidão a todos vocês.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo promover, por meio de uma proposta didática, atividades que visem à valorização da diversidade linguística e à aceitação das diversas variedades da língua. Para isso, foi implementada uma proposta na 1ª série do Ensino Médio da Escola Professora Antônia Erilênia Pontes Rodrigues, localizada em Araguañã, Maranhão. Essa proposta teve como foco sensibilizar os estudantes quanto aos malefícios do preconceito linguístico, além de fomentar um ambiente de respeito e valorização da diversidade. A metodologia adotada incluiu atividades que incentivaram a reflexão crítica sobre o uso da linguagem, a análise de casos reais de preconceito linguístico e a promoção de debates nos quais os alunos puderam expressar suas opiniões e compartilhar experiências pessoais. A aplicação da proposta foi fundamentada em uma pesquisa bibliográfica, complementada por uma pesquisa-ação conduzida durante o desenvolvimento das atividades. Os instrumentos de coleta de dados incluíram observações, entrevistas e análise de produções escritas dos alunos. A escolha da Escola Professora Antônia Erilênia Pontes Rodrigues como campo de estudo deve-se à sua representatividade e diversidade linguística, características comuns no interior do Maranhão, onde coexistem diferentes variantes do português. O referencial teórico utilizado baseia-se em autores como Costa (2012), Bagno (2014), Carmelino (2018), Martelotta (2008), Bortoni-Ricardo (2005), Coelho (2010), Rodrigues e Figueiredo (2007) e Carvalho (2011), que discutem o preconceito linguístico, a sociolinguística e as metodologias educacionais. Os resultados indicam que, mesmo em uma comunidade rica em diversidade linguística, o preconceito linguístico é presente no ambiente escolar. Além disso, foi observado que há uma depreciação da língua falada pela comunidade em comparação ao português formal.

Palavras-chave: Preconceito linguístico; diversidade linguística; educação; didática.

ABSTRACT

The present study aims to promote, through a didactic proposal, activities that focus on the appreciation of linguistic diversity and the acceptance of the various language varieties. To this end, a proposal was implemented in the first year of high school at Professora Antônia Eirilênia Pontes Rodrigues School, located in Araguanã, Maranhão. This proposal aimed to raise students' awareness of the harms of linguistic prejudice, as well as to foster an environment of respect and appreciation for diversity. The adopted methodology included activities that encouraged critical reflection on language use, the analysis of real cases of linguistic prejudice, and the promotion of debates where students could express their opinions and share personal experiences. The application of the proposal was based on bibliographic research, complemented by action research conducted during the development of the activities. Data collection instruments included observations, interviews, and the analysis of students' written productions. The choice of Antônia Eirilênia Pontes Rodrigues School as the field of study was due to its representativeness and linguistic diversity, common characteristics in the interior of Maranhão, where different variants of Portuguese coexist. The theoretical framework used is based on authors such as Costa (2012), Bagno (2014), Carmelino (2018), Martelotta (2008), Bortoni-Ricardo (2005), Coelho (2010), Rodrigues and Figueiredo (2007), and Carvalho (2011), who discuss linguistic prejudice, sociolinguistics, and educational methodologies. The results indicate that, even in a community rich in linguistic diversity, linguistic prejudice is present in the school environment. Furthermore, it was observed that there is a depreciation of the language spoken by the community compared to formal Portuguese.

Keywords: Linguistic prejudice; linguistic diversity; education; didactics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1- Resposta do participante 3..... | 29 |
| Figura 2 - Resposta do participante 7..... | 30 |
| Figura 3 - Resposta do participante 21..... | 31 |
| Figura 4 - Resposta do participante 3..... | 32 |
| Figura 5 - Resposta do participante 1..... | 32 |
| Figura 6 - Resposta do participante 27..... | 33 |
| Gráfico 1- Nível de conhecimento sobre as variedades da língua e o preconceito linguístico..... | 34 |
| Figura 7- Resposta do participante 7..... | 35 |
| Figura 8 - Resposta do participante 1..... | 35 |
| Figura 9 - Resposta do participante 27..... | 36 |
| Gráfico 2 - Porcentagem dos entrevistados que consideram a escola um ambiente onde se pratica o preconceito linguístico..... | 36 |
| Figura 10 - Resposta do participante 1..... | 37 |
| Figura 11- Resposta do participante 7..... | 38 |
| Figura 12 - Resposta do participante 27..... | 38 |
| Figura 13 - Realização da palestra..... | 40 |
| Figura 14 - Apresentação do documentário..... | 41 |
| Figura 15 - Cordel 1- A superação do preconceito linguístico..... | 42 |
| Figura 16 - Cordel 2- O preconceito linguístico e sua regionalidade..... | 43 |
| Figura 17 - Cordel 3- Variação Linguística..... | 44 |
| Figura 18 - Cordel 4 - Linguagem Moderna..... | 45 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2 A VARIEDADE DA LÍNGUA E A PADRONIZAÇÃO LINGUÍSTICA..... | 12 |
| 2.1 A variedade da língua..... | 12 |
| 2.2 A padronização linguística..... | 15 |
| 3 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO AMBIENTE ESCOLAR..... | 17 |
| 3.1 Língua, linguagem e identidade..... | 18 |
| 3.2 A linguagem e o preconceito linguístico dentro da escola..... | 20 |
| 4 A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA | 23 |
| 5 METODOLOGIA..... | 26 |
| 5.1 Procedimentos metodológicos adotados na proposta..... | 27 |
| 6 APLICAÇÃO DA PROPOSTA DIDÁTICA..... | 27 |
| 6.1 Aplicação do questionário..... | 28 |
| 6.2 Palestra sobre a Variação e o Preconceito Linguístico..... | 38 |
| 6.3 Apresentação dos Cordéis..... | 41 |
| 7 CONCLUSÃO..... | 46 |
| REFERÊNCIAS..... | 49 |

1 INTRODUÇÃO

O preconceito linguístico é uma questão amplamente vivenciada por muitas pessoas. Se refletirmos sobre nossas próprias experiências, perceberemos que todos nós, em algum momento, já presenciamos, fomos vítimas ou até mesmo praticamos algum tipo de preconceito relacionado à linguagem. Esse tipo de discriminação ocorre, por exemplo, quando criticamos ou fazemos comentários pejorativos sobre o modo de falar de alguém, frequentemente em relação ao sotaque característico de uma determinada região.

Essas situações destacam uma problemática mais profunda, que é a valorização de certos padrões de fala em detrimento de outros, muitas vezes baseados em estereótipos e preconceitos culturais. De acordo com Savedra, Pereira e Gaio (2019), o preconceito linguístico pode se manifestar de diversas formas, desde a correção incessante de sotaques e gírias, até a ridicularização de expressões regionais ou variações gramaticais.

Esse comportamento não apenas fere a autoestima das pessoas afetadas, mas também reforça barreiras sociais e culturais, perpetuando a ideia de que há uma forma "correta" e outras "erradas" de se expressar. Segundo Nascimento *et al.* (2022), em uma sociedade tão diversa quanto a nossa, é fundamental promover a valorização e o respeito pela diversidade linguística, reconhecendo que a riqueza de nossa língua reside justamente em suas múltiplas variações.

A escola é um ambiente onde situações de preconceito linguístico são suscetíveis de ocorrer. Portanto, é essencial que a escola seja um espaço de conscientização sobre os impactos negativos do preconceito linguístico. Diante deste cenário, surge o seguinte questionamento: de que forma é possível inserir a temática do preconceito linguístico em sala de aula, promovendo o diálogo e destacando a importância de combater esse tipo de discriminação? Para responder a essa questão, optamos por implementar uma proposta didática na 1ª série do Ensino Médio da Escola Professora Antônia Erilênia Pontes Rodrigues, localizada em Araguanã, Maranhão. Esta proposta visa não apenas sensibilizar os estudantes sobre os malefícios do preconceito linguístico, mas também fomentar um ambiente de respeito e valorização da diversidade linguística.

A abordagem inclui atividades que incentivam a reflexão crítica sobre o uso da linguagem, a análise de casos reais de preconceito linguístico e a promoção de debates que permitam aos alunos expressarem suas opiniões e experiências pessoais. Além disso, serão utilizadas ferramentas didáticas, como textos, vídeos e dinâmicas de grupo, para enriquecer o aprendizado e tornar o tema mais acessível e engajador. Assim, ao inserir a temática do

preconceito linguístico no currículo escolar, buscamos construir uma consciência coletiva que reconheça a riqueza das variações linguísticas e combata qualquer forma de discriminação associada a elas.

A escolha da escola Professora Antônia Erilênia Pontes Rodrigues em Araguaianã - MA para a aplicação desta proposta pedagógica se dá pela sua representatividade e diversidade linguística, características comuns no interior do Maranhão. A realidade local, onde coabitam diferentes variantes do português, tanto urbanas quanto rurais, torna-se um campo fértil para a observação e intervenção pedagógica.

A construção do referencial teórico do presente estudo foi baseada em autores como: Costa (2012), que aprofunda a compreensão das dinâmicas sociais e linguísticas em contextos educacionais. Bagno (2014), conhecido por suas análises críticas sobre o preconceito linguístico e as implicações para a educação. Carmelino (2018), que traz intersecções entre linguagem, identidade e cultura em ambientes diversos. Martelotta (2008), que oferece uma abordagem detalhada sobre a estrutura e evolução da língua portuguesa. Bortoni-Ricardo (2005), que traz contribuições importantes sobre sociolinguística e educação, enfocando a diversidade linguística. Coelho (2010), que fala da aplicação prática de teorias linguísticas na sala de aula. Rodrigues e Figueiredo (2007), que discutem metodologias inovadoras para o ensino de línguas. Carvalho (2011), que analisa políticas públicas de educação e suas repercussões no desenvolvimento linguístico dos alunos. Entre outros autores que possuem pesquisas em áreas relacionadas ao estudo.

O objetivo geral deste estudo foi realizar através da aplicação de uma proposta didática atividades visando a valorização da diversidade linguística e a consequente aceitação das variedades da língua. Para se chegar a esse objetivo foram compridos alguns objetivos específicos como: promover discussões com os alunos que abordem a importância da aceitação e respeito pelas diferentes manifestações linguísticas; incentivar a comunicação intercultural, permitindo aos alunos compartilhar e aprender com suas próprias experiências linguísticas e culturais; e avaliar o impacto das atividades propostas na percepção e atitudes dos alunos em relação à diversidade linguística, por meio de observações, entrevistas e análise de produções escritas.

A pesquisa está dividida em sete tópicos, são eles: I) introdução, que apresenta as informações gerais abordadas com mais especificidade nos demais tópicos; II) a variedade da língua e a padronização linguística, que discute como as línguas variam em diferentes contextos e a importância de valorizar essas variações. E explora a ideia da norma-padrão e seu impacto na educação, destacando os desafios de promover respeito pelas variantes

linguísticas dentro desse contexto; III) o preconceito linguístico no ambiente escolar, que faz uma análise entre linguagem e identidade, e como o preconceito linguístico pode afetar essa relação no contexto escolar. Além disso, discute como o preconceito linguístico se manifesta nas práticas escolares e suas consequências para os alunos; IV) a diversidade linguística nas aulas de língua portuguesa, que trata da importância de reconhecer e valorizar a diversidade linguística nas aulas de português, propondo estratégias pedagógicas para promover uma abordagem inclusiva que respeite as diversas formas de expressão linguística; V) Metodologia que descreve a abordagem metodológica utilizada no estudo, incluindo a pesquisa-ação desenvolvida e os procedimentos metodológicos adotados para a aplicação da proposta pedagógica; VI) Aplicação da proposta didática que detalha todo o processo da aplicação da proposta didática; VII) Conclusão que reflete sobre os resultados obtidos com a aplicação da proposta didática e a importância de continuar promovendo a conscientização sobre o preconceito linguístico no ambiente escolar.

2 A VARIEDADE DA LÍNGUA E A PADRONIZAÇÃO LINGUÍSTICA

A variedade da língua e a padronização linguística são conceitos essenciais para entender a dinâmica de qualquer idioma. Para Nascimento *et al.* (2022), a variedade da língua refere-se às diferentes formas de expressão dentro de uma mesma língua, influenciadas por fatores como região geográfica, contexto social, faixa etária e grau de formalidade. Essas variações se manifestam em aspectos como pronúncia, vocabulário e gramática, resultando em dialetos, gírias e registros específicos. Em seguida, exploraremos a variedade da língua, a fim de compreendermos melhor o tema.

2.1 A variedade da língua

A língua é viva, frase recorrente entre os estudiosos da linguagem, trata-se de uma excelente síntese da dinâmica entre uma língua e seus falantes, relação que, por sinal, só pode ser estabelecida entre entes vivos, isto é, ativos e com capacidade de adaptação a diferentes contextos. Nesta perspectiva, pode-se dizer que as línguas são dinâmicas e variam ininterruptamente, estando vivas por servirem como meio de transporte de ideias e expressão das identidades culturais dos povos que as usam, e claro, por evoluírem com as culturas e civilizações dos seus falantes.

Para o fenômeno de mutação e evolução das comunicações idiomáticas, os linguistas dão o nome de variação linguística, tema sobre o qual Costa (2012) diz:

Etimologicamente, o termo variação vem do latim “*variatione*”, significando variedade, ato ou efeito de variar (se). Variar por sua vez significa tornar vários ou diverso, alterar, mudar. No dicionário do Câmara Jr., (1981 p. 239) variação é “Consequência da propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através da multiplicidade do discurso”. Nesse sentido é que se define variação linguística como o fenômeno que envolve múltiplos e concomitantes usos de formas com o mesmo significado linguístico, marcado por diferentes significados sociais, segundo o contexto em que ocorrem (Costa, 2012, p.5).

De modo geral, a variação linguística se refere à coexistência de diferentes formas que possuem o mesmo significado linguístico, mas que carregam diferentes conotações sociais, dependendo do ambiente em que são utilizadas. Isso ilustra a flexibilidade e a adaptabilidade da linguagem frente às interações sociais e culturais de cada lugar. Também abordando esses fenômenos de variações na língua, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) afirmam:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que os constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala (Brasil, 1998, p. 29).

Deste modo, compreende-se, como já dito, que línguas são entes verdadeiramente vivazes e, por isso, passíveis de mudanças entre os modos como pessoas de diferentes contextos culturais e sociais fazem uso delas, ou seja, mesmo que se fale o mesmo idioma em diferentes regiões, haverá certas mudanças nos modos como os diferentes povos em questão se utilizaram dele. Mesmo dentro de um lar, entre os membros de uma mesma família, será facilmente possível notar variações no uso da língua materna dos indivíduos em questão, “as línguas servem para a comunicação; as línguas estão estreitamente ligadas aos seus usuários; as línguas variam; as línguas mudam” (Gomes, 2007, p. 66).

Variar, portanto, é um processo comum, natural e necessário para as línguas, é, deste modo, de extremo mal gosto e ignorância não compreender, reprimir ou simplesmente não aceitar esse caminho. Mudar, isto é, evoluir, é algo humano, a língua, por sua vez, destaca-se por ser algo puramente humano, seria contraditório entendê-la como alheia a mudanças e evoluções profundas. Para Gomes (2007, p. 74) “as pessoas, em geral, têm formas diferentes de falar, isto é, vocabulário diferente, estrutura gramatical diferente e até ritmo de fala diferente, dependendo, principalmente, da formalidade da situação.”

A própria humanidade vem desde sua gênese passando por variações de todas as naturezas, desde o modo como vê os céus, o formato da terra e até mesmo as interações sociais no âmbito familiar, com isso fica evidente que não existe lógica em prender a língua dentro da temível caixinha da padronização, compreendê-la como invariável, é preciso imenso respeito e carinho pelas variantes.

Conforme Coelho (2010, p. 13) “a língua é analisada como um produto de uma série de evoluções que ocorrem ao longo do tempo, portanto como algo mutável, dinâmico.” Fica evidente que definitivamente a língua não é estática e não deve ser tratada como se assim o fosse, muito menos os que fazem uso de suas variantes tratados como se fossem membros de uma casta inferior ou menos relevante social.

Para Bagno (2014, p. 11): “se ser humano é ser na linguagem, ser humano também é ser social, de modo que a linguagem e sociedade são indissociáveis”. Em outras palavras, língua e sociedade são inerentes uma à outra, com a língua sendo vivificada pela sociedade que a utiliza, portanto, a língua varia conforme os seus falantes variam, as mudanças nos modos de fala acompanham as mudanças sociais enfrentadas pelas sociedades ao longo dos anos, séculos e até milênios. Sendo inseparáveis, língua e sociedade percorrem um caminho evolutivo comum, sendo tarefa árdua fazer uma distinção.

Para que se explique de maneira mais embasada o tema em questão, faz-se necessário enveredarmos pela área que na ciência da linguagem foca no eixo língua-sociedade, o braço da linguística que busca entender de forma aprofundada a relação entre o modo como se fala e o contexto em que se vive. Com base em Carmelino (2018), pode-se dizer que a língua pela ótica da sociolinguística é concebida como um meio de interação social.

Os autores Cezario e Votre (2008, p. 141) dizem que “a sociolinguística é uma área que estuda a língua em uso real, levando em consideração as relações entre estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística”. Conforme vemos pelos apontamentos destes autores, a sociolinguística é a área de conhecimento que busca entender a variação linguística na prática, buscando conhecer as questões sociais envolvidas neste processo. É importante ressaltar que a sociolinguística apesar de estar focada prioritariamente na compreensão das variedades linguísticas, na fala, não se fixa só nessa perspectiva, sendo uma área de estudos bem ampla.

A sociolinguística, dentre outras coisas, busca promover a valorização da variação nas línguas, independente dos fatores que ocasionam tal fenômeno, para isso faz-se a classificação criteriosa desses diferentes tipos de variações no modo como diferentes

peessoas usam um mesmo idioma. Falando sobre os diferentes tipos de variação linguística, Coelho (2010) explica:

[...] os exemplos que costumam vir primeiro à mente dizem respeito ao vocabulário (léxico), quase sempre associados à variação regional ou diatópica. A mesma realidade é representada, conforme a região, por palavras diferentes. Mas há também usos variados conforme a situação, mais formal ou menos formal, em que se está falando, associados, portanto, à variação estilística ou diafásica (Coelho, 2010, p. 52).

Observa-se, portanto, as variações diastráticas (sociais), diafásicas (estilísticas), diatópicas (geográficas) e diacrônicas (históricas). A elas se atribui as características que diferem e promovem a grande diversidade existente no modo como diferentes indivíduos falam uma mesma língua.

A variação social decorre de diferenças socioeconômicas, como grau de escolaridade, renda familiar e ocupação profissional, assim como do grupo social ao qual o indivíduo pertence, considerando fatores como idade e gênero. Por outro lado, a variação estilística refere-se às mudanças na forma de falar de acordo com a situação em que o indivíduo se encontra. Isso ocorre porque, em determinadas ocasiões, a fala pode ser mais formal ou informal. Por exemplo, um juiz não se expressa em um julgamento da mesma maneira que em um churrasco com amigos, e vice-versa.

A variação geográfica refere-se aos diferentes estilos sintáticos e vocabulares presentes em distintas regiões. Por exemplo, uma mesma raiz é chamada de 'mandioca' no Sudeste e de 'macaxeira' no Nordeste.

A última variação a ser mencionada é a histórica, que aborda as mudanças que ocorrem em uma língua ao longo do tempo, como o desaparecimento, surgimento ou evolução de termos. A palavra “você” é o exemplo mais comum para ilustrar esse tipo de variação na Língua Portuguesa, que passou de 'vossa mercê' para “você”, e, mais recentemente, transformou-se em “vc”. Por ser tão maleável, a língua, como mencionado anteriormente, está em constante transformação. Novas palavras, sotaques e formas de expressão surgem rapidamente, algo facilmente percebido ao observar uma conversa entre pessoas de diferentes gerações.

2. 2 A padronização linguística

A escola se destaca dentro desse contexto como um palco onde a norma padrão é a base para o ensino da língua materna, o que pode levar a um certo sentimento de contradição ou antagonismo, afinal de contas, como gerar empatia e respeito pelas variantes se existe um

padrão a ser seguido? Esse é, sem dúvidas, um enorme desafio associado ao ensino de Língua Portuguesa no Brasil. O fato é que prezamos por um português-padrão, mesmo que sejamos defensores do respeito às variantes. Falando sobre a tendência de valorização de padronização no uso da Língua Portuguesa, Bortoni-Ricardo (2005) diz:

O prestígio associado ao português-padrão é sem dúvida um valor cultural muito arraigado, herança colonial consolidada nos nossos cinco séculos de existência como nação. Podemos e devemos questioná-lo, desmistificá-lo e demonstrar sua relatividade e seus efeitos perversos na perpetuação das desigualdades sociais, mas negá-lo, não há como (Bortoni-Ricardo, 2005, p.13).

Percebe-se, portanto, que muito em consequência da colonização que marca a história do povo brasileiro, processo marcado pela alfabetização forçada de muitos nativos e escravizados na Língua Portuguesa, existe ainda hoje na mente do brasileiro a noção que falar de forma mais próxima do padrão estabelecido é fundamentalmente um demonstrativo de inteligência e *status* social, o que gera desprezo por variações. Ainda abordando esse tema, Bortoni-Ricardo (2005) acrescenta:

No Brasil, as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta. A escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado. O ensino sistemático da língua é de fato uma atividade impositiva. Para alguns estudiosos, há mesmo uma incompatibilidade entre uma democracia pluralista e a padronização (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 14).

Percebe-se que a sociedade, e conseqüentemente a escola brasileira, muitas vezes adota uma postura esnobe e indiferente em relação às variantes linguísticas. Como ressalta a autora, o ensino de Língua Portuguesa impõe um padrão. Diante disso, pode parecer fácil rotular a escola como um ambiente que incentiva o desrespeito às variantes linguísticas, devido ao foco excessivo no padrão. No entanto, o padrão não deve ser colocado em um pedestal superior às variantes, mas também é imprudente imaginar que se possa ensinar qualquer língua sem recorrer a ele. Como apontado pela autora, há até mesmo uma correlação entre a padronização linguística e a modernização. Lutar contra o preconceito linguístico não significa, necessariamente, lutar contra a norma padrão.

A discussão sobre a padronização linguística e suas implicações no ensino de Língua Portuguesa é enriquecida por diversas perspectivas de estudiosos brasileiros. Bagno (2002) também contribui para esse debate ao argumentar que a padronização muitas vezes ignora a riqueza das variedades linguísticas presentes no Brasil:

A padronização da língua portuguesa no Brasil reflete uma visão limitada da nossa realidade linguística. A diversidade linguística é uma característica essencial da nossa identidade cultural, e ignorá-la é perpetuar um sistema de exclusão social (Bagno, 2002, p. 45).

Dessa forma, valorizar as múltiplas manifestações linguísticas é essencial para promover uma inclusão mais justa e representativa na sociedade. Além disso, Faraco (2008) destaca a importância de um ensino de língua que valorize as variantes como forma de combater o preconceito linguístico:

Ensinar a língua portuguesa levando em conta suas variantes é fundamental para promover uma educação linguística inclusiva e democrática. Reconhecer e valorizar a diversidade linguística é um passo essencial para a construção de uma sociedade mais justa (Faraco, 2008, p. 67).

Diante disso, o caminho para uma educação linguística mais inclusiva passa pelo reconhecimento e respeito às variantes, demonstrando que lutar contra o preconceito linguístico é, de fato, compatível com o ensino da norma padrão. Para Bagno (2002), a escola pode ser um espaço de respeito à diversidade, onde o aprendizado da língua materna contribua para a formação de cidadãos críticos e conscientes de sua identidade cultural.

3 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO AMBIENTE ESCOLAR

O preconceito linguístico no ambiente escolar é uma questão crítica que afeta a equidade e a inclusão no sistema educacional. Este tipo de preconceito se manifesta quando variedades linguísticas diferentes da norma culta são desvalorizadas ou estigmatizadas. De acordo com os autores Gritti, Melo e Oliveira (2023), os alunos que falam dialetos regionais, línguas indígenas ou outras formas de fala não padrão frequentemente enfrentam discriminação e exclusão, o que pode impactar negativamente sua autoestima, desempenho acadêmico e engajamento escolar. Essa falta de reconhecimento e valorização da diversidade linguística no ambiente educacional reflete e perpetua desigualdades sociais mais amplas.

Entendendo o Brasil como fora citado *a priori*, o ambiente escolar deveria ser um espaço de acolhimento e valorização das diversas identidades culturais e linguísticas dos alunos. No entanto, muitas vezes, as práticas pedagógicas e as atitudes dos educadores reforçam o preconceito linguístico. Professores, muitas vezes inconscientemente, podem corrigir ou ridicularizar as formas de fala dos alunos, promovendo a ideia de que apenas a norma culta é aceitável. Para Silva (2021), esse comportamento não apenas aliena os alunos,

mas também invalida suas experiências e conhecimentos, perpetuando um ciclo de exclusão e desmotivação. Para combater o preconceito linguístico, é essencial que os educadores sejam capacitados para reconhecer e valorizar a diversidade linguística como um recurso, e não como um obstáculo.

Além disso, o preconceito linguístico no ambiente escolar tem implicações profundas para a equidade educacional e social. Alunos que não se sentem valorizados ou compreendidos tendem a desenvolver uma atitude negativa em relação à escola, o que pode resultar em taxas mais altas de evasão e menor sucesso acadêmicos. A marginalização linguística também perpetua as desigualdades sociais, uma vez que o domínio da norma culta é frequentemente associado a melhores oportunidades socioeconômicas. Promover uma abordagem inclusiva, que reconheça e valorize a diversidade linguística, pode contribuir para a criação de um ambiente escolar mais justo e equitativo, onde todos os alunos tenham a oportunidade de prosperar.

3.1 Língua, linguagem e identidade

Para estabelecer uma concepção de preconceito linguístico no ambiente escolar, é necessário compreender suas raízes e como foi concebido dentro da própria linguística brasileira, no contexto em estudo. A relação entre a língua e a identidade de um povo é um tema complexo e multifacetado, que revela muito sobre a natureza humana e as dinâmicas sociais. Para Beraldo (2023), a língua não é apenas um meio de comunicação, mas um elemento intrínseco que molda e reflete a identidade cultural, social e individual de uma comunidade.

Segundo Carvalho (2019, p. 5):

[...] a linguagem possui um papel de destaque na constituição da identidade, pois está só possui sentido por meio da linguagem e dos símbolos. Por símbolos entendemos as roupas, adereços que são usados e que “marcam” uma identidade. A mídia televisiva, por exemplo, quando cria personagens “caipiras”, geralmente, os vestem de xadrez (como se todo “caipira” usasse apenas roupa xadrez), ou seja, esse tipo de roupa tornou-se uma espécie de “marca” da identidade “caipira”.

A língua é uma das manifestações mais tangíveis da cultura de um povo. Ela encapsula a história, as tradições, as crenças e os valores de uma comunidade. As palavras e expressões que utilizamos no cotidiano carregam significados que vão além da comunicação funcional; elas são veículos de transmissão de uma herança cultural. Por exemplo, expressões idiomáticas e provérbios frequentemente refletem a sabedoria coletiva e a cosmovisão de uma

sociedade. Correia e Liska (2022) acreditam que a língua serve como uma ponte entre o passado e o presente, garantindo a continuidade cultural ao permitir que gerações sucessivas acessem e compreendam o legado de seus antepassados.

A diversidade linguística é um reflexo direto da diversidade cultural. Cada língua encapsula uma maneira única de ver o mundo, com suas próprias nuances e especificidades. Por exemplo, muitas línguas indígenas possuem vocabulários extensivos para descrever aspectos da natureza e da vida espiritual que são essenciais para a compreensão de suas culturas. De acordo com Garcia (2014), a perda de uma língua, portanto, não representa apenas a extinção de um meio de comunicação, mas a perda de uma visão de mundo e de um corpo de conhecimentos inestimáveis. Esta interconexão entre língua e cultura é particularmente evidente nas sociedades onde a língua é um marcador de identidade étnica ou regional, funcionando como um símbolo de resistência e resiliência diante da globalização e da homogeneização cultural.

Em relação à linguagem, tamanha é sua importância para a caracterização da identidade que Rajagopalan (2016, p. 41) afirma que “a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela”, ou seja, é através da língua que pensamos, sentimos, nos identificamos com outras pessoas. As políticas linguísticas refletem e influenciam as relações de poder dentro de uma sociedade. A imposição de uma língua oficial pode ser uma forma de controle social e assimilação cultural, apagando ou marginalizando as línguas e identidades minoritárias. Por outro lado, movimentos de revitalização linguística buscam preservar e fortalecer as línguas ameaçadas, reafirmando a identidade e os direitos culturais dos povos. Estes movimentos muitas vezes envolvem esforços para documentar e ensinar línguas em perigo, reconhecendo que a perda linguística é uma questão de justiça social e direitos humanos.

No nível individual, a língua é um componente central da identidade pessoal. A escolha de uma língua ou dialeto pode refletir afiliações sociais, políticas e culturais. Em sociedades *multilingues*, o fenômeno do *code-switching*, ou alternância entre línguas em diferentes contextos, revela a complexidade das identidades pessoais. O bilinguismo e o multilinguismo podem enriquecer a experiência individual, proporcionando uma maior flexibilidade cognitiva e cultural, bem como uma habilidade aprimorada para navegar entre diferentes mundos sociais.

A língua está intrinsecamente ligada à identidade, valores e crenças culturais, pois ela é um sistema que apresenta uma heterogeneidade, não é possível mais estudar a língua sem levar em consideração a sociedade em que os sujeitos falantes estão inseridos bem como

sua identidade, suas marcas individuais e sociais na comunidade linguística. É nesta perspectiva que Antunes (2010) aponta para a existência de uma língua que muda constantemente, sempre incorporando novos sons, novas entonações, novos vocábulos, que altera seus significados, que cria associações diferentes, que adota padrões sintáticos novos, sobretudo quando esta língua é exposta a variadas situações de uso, a outras interferências culturais.

Como a língua está estreitamente ligada à estrutura social e aos sistemas de valor da sociedade, variedades linguísticas são avaliadas de forma diferente. Para Garcia (2014), a variedade padrão é geralmente considerada como correta enquanto outras variedades não-padrão são frequentemente tidas como erradas. Isso pode resultar em estigmatização e na internalização de sentimentos de inadequação por parte dos alunos, afetando sua autoestima e desempenho acadêmico.

3.2 A linguagem e o preconceito linguístico dentro da escola

Tradicionalmente, a linguagem utilizada na escola coloca em evidência as diferenças entre grupos sociais e isso pode gerar discriminação entre as variantes linguísticas usadas por alunos provenientes de camadas populares, provocando o preconceito linguístico e resultando em dificuldades de aprendizagem, pois ele separa classes sociais, estigmatizando ou prestigiando falantes da língua portuguesa brasileira, mais precisamente, aqueles que usam as variantes padrões da Língua Portuguesa.

Na obra "Nós Chegemos na Escola, e Agora? Sociolinguística & Educação" de Estella Maris Bortoni-Ricardo é feita uma análise sobre a interseção entre sociolinguística e educação, ressaltando que a variação linguística é necessária para as relações sociais. O que se evidencia nas palavras de Bortoni-Ricardo (2004, p. 49) "cada um de nós adota comportamentos semelhantes ao das pessoas com quem convivemos socialmente".

A autora explora ainda diversas variedades linguísticas presentes nas salas de aula e destaca como essas diferenças podem ser percebidas e, por vezes, estigmatizadas. Ela examina como atitudes discriminatórias em relação a certas formas de linguagem podem afetar negativamente a autoestima e o desempenho acadêmico dos alunos.

Conforme Neves (2003, p. 94), "todas as modalidades têm de ser valorizadas (falada e escrita, padrão e não-padrão), o que, em última análise significa que todas as práticas discursivas devem ter o seu valor na escola". Mas a escola deve oferecer o "bom exercício da língua escrita e da norma-padrão", para que todos tenham condições iguais de compreender o

mundo que nos cerca, para que ninguém se sinta incapaz de compreender o que é dito ou escrito nas mais variadas situações do dia a dia, assim, as diferenças dialetais não servirão como meio de exclusão social.

De acordo com Carvalho (2011), a linguagem é diversificada e se manifesta de maneira única para cada indivíduo, mesmo em situações de comunicação semelhantes. Ao abordar as diferentes formas de expressão dos estudantes, o autor destaca a importância e aceitação da diversidade linguística. Ele enfatiza que compreende atualmente que a realidade da linguagem é caracterizada pela variação, sendo este o primeiro passo para qualquer mudança, e que demonstra respeito pelas características linguísticas variáveis e pelas múltiplas formas de expressão dos falantes que equivalem a respeitar a própria língua.

No que diz respeito ao ensino escolar, há uma preocupação com o papel democrático do ensino da Língua Portuguesa, de forma que este possa se preocupar com as variações linguísticas como forma de linguagem. A representação equitativa de variedades linguísticas na cultura popular pode combater estereótipos e preconceitos linguísticos, promovendo uma compreensão mais ampla da diversidade linguística. Isso contribui para a justiça linguística e uma sociedade mais inclusiva, valorizando e respeitando diversas formas de expressão, enriquecendo a representação cultural e facilitando interações sociais harmoniosas entre diferentes comunidades linguísticas.

O preconceito linguístico se manifesta através da imposição de padrões de linguagem prestigiosos, valorizando certas formas de linguagens. Essas normas são frequentemente definidas por instituições educacionais e mídia, reforçando a linguagem como indicador de *status*. Isso leva à marginalização de dialetos regionais e linguagens não padronizadas, associadas a grupos minoritários ou marginalizados. De acordo com Rodrigues e Figueiredo (2007, p. 17), “[...] não existe uma norma única, mas sim uma pluralidade de normas, normas distintas segundo os níveis sociolinguísticos e as circunstâncias da comunicação”.

Dentro da escola, este é um fenômeno preocupante que afeta profundamente a experiência educacional de muitos alunos. Este preconceito se manifesta quando certas formas de linguagem, especialmente aquelas que divergem da norma culta, são desvalorizadas, ridicularizadas ou consideradas inferiores. De acordo com Carvalho (2011), alunos que falam dialetos regionais, línguas indígenas ou variações populares da língua frequentemente enfrentam discriminação por parte de colegas e, infelizmente, às vezes até dos próprios educadores. Esta discriminação linguística não apenas compromete o desempenho acadêmico dos alunos, mas também impacta negativamente sua autoestima e identidade cultural.

De acordo com Gritti, Melo e Oliveira (2023, p. 148):

O preconceito linguístico é fruto do preconceito social, praticado sobre aqueles que sofrem mais estigmas da sociedade, acusados de deturpar a língua. Isso prejudica não só a formação educacional, mas social do indivíduo. É uma forma de rejeição humilhante que denigre o sujeito, além de ser uma pressão psicológica de constrangimento. O maior dos preconceitos é o linguístico, porque ele está enraizado culturalmente. [...] é mais fácil para as pessoas viver de acordo com os valores éticos, morais e estéticos do que aceitar a variação da língua, uma vez que os usos variáveis estão associados à camada da sociedade menos prestigiada. Além do mais, esses mesmos autores sociais (usuários da língua) valorizam o uso da norma, aceitando, portanto, o estigma que lhes são imputados, de que falam “errado”, de que não conhecem a própria língua.

O preconceito linguístico impacta várias áreas da vida social. No ambiente educacional, o estigma de certas variedades linguísticas pode excluir e desencorajar alunos de comunidades diversas. Isso perpetua disparidades educacionais, prejudicando o desempenho acadêmico e o acesso a oportunidades. Para Bortonio-Ricardo (2004), a influência do preconceito linguístico na mídia e na representação pública reforça estereótipos e perpetua desigualdades sociais.

Dentro do ambiente escolar, o preconceito linguístico pode ser observado em várias práticas pedagógicas e atitudes. Por exemplo, professores podem corrigir de maneira depreciativa as formas de falar dos alunos, sugerindo que apenas a norma culta é correta e aceitável. Segundo Gritti, Melo e Oliveira (2023), esse comportamento desconsidera a rica diversidade linguística que os alunos trazem consigo e envia a mensagem de que suas identidades e experiências são inadequadas. Além disso, materiais didáticos muitas vezes não refletem essa diversidade, perpetuando a ideia de que existe uma única forma legítima de falar e escrever. Esse ambiente de exclusão e desvalorização pode levar à desmotivação, ao desengajamento e até mesmo ao abandono escolar.

Segundo Silva (2021, p. 9):

O português brasileiro não apresenta uma unidade surpreendente, mas sim uma variedade enorme de dialetos, gírias e expressões, e não existe o certo e o errado ao se expressar, independentemente do nível de instrução do falante, mas sim a necessidade de adequar a fala à situação em que vai utilizá-la. Sendo o preconceito linguístico uma das problemáticas nas vertentes linguísticas, a sociolinguística busca amenizar esse problema, e o primeiro passo para isso é a compreensão da supremacia e rigidez das normas gramaticais, onde através da criação de estereótipos sobre a maneira certa e errada de falar, faz com que esse preconceito esteja presente na sociedade em geral.

A principal fonte do preconceito linguístico, no Brasil, está ligada na maioria dos casos a discriminação que as classes sociais mais baixas sofrem pela comparação que fazem entre a sua forma de falar e a forma considerada correta pelos códigos normativos da língua. Não existe uma única forma de falar e de se expressar no Brasil, tendo em vista que a cultura predominante em cada região expressa à maneira de cada pessoa falar, mas quando a linguagem foge da escola, da gramática e do dicionário, há uma associação de fala errada, mas o que ocorre são manifestações das variedades linguísticas.

Para combater o preconceito linguístico, é importante oferecer educação para todos, de forma que as pessoas conheçam bem a língua formal, tanto escrita quanto falada. Além disso, é fundamental aprofundar estudos a respeito da sociologia das populações, para que se compreenda os modos de ser e perceber a linguagem. Para Garcia (2014), a diversidade linguística, considerada um legado cultural inalienável da humanidade, exige respeito e avaliação em todas as suas manifestações. Esta abordagem abrangente concorre para exigir uma sociedade mais inclusiva e consciente da exuberância linguística que permeia comunidades distintas.

O preconceito linguístico muitas vezes se manifesta ao considerar variações como erros, o que, na verdade, reflete um equívoco e uma forma de discriminação. Portanto, a promoção do respeito e da valorização da diversidade linguística é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde a liberdade de expressão de cada pessoa seja respeitada, independentemente de sua forma de falar.

4 A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

O ensino da Língua Portuguesa no Brasil tem sido historicamente orientado por uma norma-padrão que, embora útil para padronização e comunicação formal, não abarca a rica diversidade linguística do país. As variedades linguísticas, refletindo diferenças regionais, sociais e culturais, são frequentemente vistas como "erros" ou desvios da norma-padrão. De acordo com Nascimento *et al.* (2022), é fundamental reconhecer que todas essas variedades possuem estruturas próprias e seguem regras gramaticais internas que são coerentes e funcionais para seus falantes.

A linguística contemporânea defende que todas as formas de linguagem possuem valor e legitimidade. Para Brandão-Silva, Romualdo e Pereira (2022), esta perspectiva sustenta que as variedades linguísticas não devem ser vistas como inferiores, mas como expressões legítimas e autênticas da identidade cultural e social dos grupos que as utilizam.

No contexto educacional, isso significa que o ensino da Língua Portuguesa precisa reconhecer e respeitar essas diversidades, promovendo uma abordagem inclusiva que valorize a pluralidade linguística do país.

A sociolinguística, uma área de estudo que investiga a relação entre linguagem e sociedade, oferece ferramentas importantes para entender e valorizar a diversidade linguística. Autores como Marcos Bagno têm sido vozes proeminentes nesse campo, defendendo a valorização das variedades linguísticas no contexto educacional. Bagno (1999) argumenta que reconhecer e respeitar as diferenças linguísticas dos alunos pode contribuir significativamente para seu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Em sua obra "Preconceito Linguístico: o que é, como se faz", publicada em 1999, Bagno destaca como o preconceito contra determinadas formas de falar pode ser prejudicial ao aprendizado. Ele sugere que os professores devem evitar atitudes discriminatórias e trabalhar para desmistificar a ideia de que há uma única forma correta de falar português. Em vez disso, o foco deve ser na comunicação eficaz e no respeito às identidades linguísticas dos alunos.

Adotar estratégias pedagógicas que valorizem a diversidade linguística pode transformar a sala de aula em um espaço mais inclusivo e democrático. Uma dessas estratégias é a inclusão de textos e materiais didáticos que reflitam as diferentes variedades do português. Isso pode incluir literatura regional, músicas, filmes e até mesmo entrevistas com falantes de diferentes regiões do Brasil. De acordo com Brandão-Silva, Romualdo e Pereira (2022), outra abordagem eficaz é a utilização de projetos interdisciplinares que abordem temas como cultura e identidade. Por exemplo, um projeto sobre as festas populares brasileiras pode envolver a pesquisa sobre as diferentes formas de falar e expressar essas tradições em várias partes do país. Isso não só enriquece o conhecimento cultural dos alunos, mas também lhes dá a oportunidade de ver a língua em uso em contextos reais e variados.

As tecnologias digitais também desempenham um papel crucial na promoção da diversidade linguística nas aulas de Língua Portuguesa. Segundo Vieira e Pawlowski (2020), ferramentas como blogs, fóruns e redes sociais permitem que os alunos compartilhem suas próprias experiências linguísticas e aprendam sobre as dos outros. Além disso, essas plataformas podem ser usadas para acessar uma ampla gama de materiais autênticos, desde *podcasts* regionais até vídeos de falantes nativos de diferentes regiões.

Pesquisadores como Marcuschi (2008), têm explorado como a internet pode ser usada para apoiar a aprendizagem da língua. Em seu livro "Linguística Aplicada: Uma Abordagem Crítica", ele discute como as novas tecnologias podem facilitar a exposição dos

alunos a diversas formas de português, ajudando-os a desenvolver uma compreensão mais ampla e inclusiva da língua.

Para Vieira e Pawlowski (2020), conciliar o ensino da norma-padrão com o respeito às variedades linguísticas é um desafio, mas é certamente possível. Uma abordagem prática seria incluir no currículo escolar conteúdos que explorem as diversas variantes do português falado no Brasil. Isso pode ser feito através de atividades que incentivem os alunos a refletirem sobre suas próprias formas de fala e compará-las com a norma-padrão, compreendendo as razões de sua existência e suas aplicações específicas.

A Base Nacional Comum Curricular (2018), e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) também reconhecem a importância da diversidade linguística no ensino de Língua Portuguesa. A BNCC, por exemplo, estabelece que o currículo escolar deve contemplar a diversidade cultural e linguística do país, promovendo o respeito e a valorização das variedades linguísticas. Já os PCNs (1998), enfatizam a necessidade de um ensino que considere as realidades socioculturais dos alunos, propondo práticas pedagógicas que integrem as diferentes formas de expressão linguística encontradas no Brasil.

De acordo com Nascimento *et al.* (2022), para enfrentar o desafio de incorporar a diversidade linguística no ensino de português, é essencial investir na formação contínua dos professores. Isso pode incluir *workshops*, cursos de atualização e a criação de redes de apoio entre educadores. Proporcionar aos professores as ferramentas e os conhecimentos necessários para valorizar e incorporar a diversidade linguística em suas práticas pedagógicas é crucial para o sucesso dessa abordagem.

A diversidade linguística é uma realidade inescapável no Brasil, e seu reconhecimento e valorização são fundamentais para um ensino de Língua Portuguesa inclusivo e eficaz. Ao adotar uma abordagem que valorize as variações linguísticas, os professores não só promovem um ambiente de aprendizado mais justo, mas também enriquecem a experiência educacional de seus alunos. Além disso, reconhecer a diversidade linguística nas aulas de português é também uma forma de valorizar a identidade cultural dos alunos. Segundo Vieira e Pawlowski (2020), cada variante linguística traz consigo uma carga cultural significativa que deve ser respeitada e celebrada. Ao promover o respeito e a valorização dessas variantes, os professores contribuem para o fortalecimento da identidade cultural dos estudantes.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), incluir a diversidade linguística nas atividades de sala de aula pode proporcionar experiências enriquecedoras para os alunos. Debates, apresentações e projetos que envolvem diferentes formas de falar

português podem estimular o interesse dos alunos pela língua e aumentar sua compreensão das diversas realidades socioculturais do Brasil. O reconhecimento e a valorização das variantes linguísticas podem ter um impacto positivo na aprendizagem dos alunos. Sentir-se valorizado e respeitado em suas formas de expressão pode aumentar a autoestima dos alunos e, conseqüentemente, melhorar seu desempenho acadêmico.

Apesar dos benefícios, a implementação de uma abordagem que valorize a diversidade linguística enfrenta desafios institucionais. A estrutura educacional tradicional e a resistência a mudanças são obstáculos que precisam ser superados para que a diversidade linguística seja plenamente integrada no ensino de português. Para Brandão-Silva, Romualdo e Pereira (2022), o apoio governamental é fundamental para a promoção da diversidade linguística no ensino de português. Políticas públicas que incentivem a formação de professores e a produção de materiais didáticos que reflitam a diversidade linguística são essenciais para o sucesso dessa abordagem. Segundo Vieira e Pawlowski (2020), a promoção da diversidade linguística no ensino de Língua Portuguesa é uma tendência crescente e necessária. Com a globalização e o aumento da valorização das identidades culturais, é esperado que essa abordagem ganhe cada vez mais espaço nas escolas brasileiras.

5 METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa-ação, tendo em vista que os pesquisadores desenvolveram atividades relacionadas a sensibilização acerca das variedades da língua e o preconceito linguístico, buscando promover um ambiente escolar de inclusão e aceitação. Falando sobre esse tipo de pesquisa, Severino (2007, p. 24) diz:

A pesquisa-ação é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas.

Foram feitas as análises dos dados que constituíram as atividades e informações colhidas durante a pesquisa-ação, tais dados foram tratados de forma qualitativa, pois a análise de dados de forma qualitativa oferece ferramentas eficazes para a interpretação das questões aplicadas.

A proposta foi aplicada na escola Professora Antônia Eirilênia Pontes Rodrigues, escola da rede estadual situada no município de Araguana-MA, na Região do Alto Turi, com uma população de aproximadamente 11.182 pessoas, situado a 315 quilômetros da capital São Luís. Os participantes desta pesquisa foram alunos da 1ª série do Ensino Médio da escola. A escolha do local para aplicação da proposta pedagógica se justifica devido um dos pesquisadores deste estudo lecionar na referida instituição, o que oportunizou uma análise que levou o pesquisador à conclusão da necessidade da aplicação de uma proposta pedagógica sobre este assunto com seus alunos.

O estudo baseou-se em contribuições de autores como Gritti, Melo e Oliveira (2023), Silva (2021), Bagno (2002) e Bortoni-Ricardo (2005). As obras desses pesquisadores foram essenciais para embasar teoricamente o desenvolvimento e a aplicação da proposta didática, fornecendo um suporte teórico sólido para a análise e a prática pedagógica. Cada um deles ofereceu perspectivas importantes sobre a língua, a educação e a diversidade linguística, o que enriqueceu a elaboração e a implementação das estratégias didáticas apresentadas ao longo do trabalho.

5. 1 Procedimentos metodológicos adotados na proposta

A aplicação da proposta pedagógica foi realizada em três etapas. Na primeira, foi aplicado um questionário aos alunos, por meio do qual eles responderam perguntas relacionadas aos seus conhecimentos e relataram suas vivências, ou as de terceiros, sobre o preconceito linguístico. O questionário foi respondido por escrito e, posteriormente, comentado pelos alunos, sob mediação dos pesquisadores.

Na segunda etapa, foi realizada uma palestra abordando a temática da variação linguística, do preconceito linguístico e da necessidade de aceitação das variedades da língua. Como materiais norteadores para a palestra, foram utilizados a obra “Nós chegemos na escola, e agora?” de Stella Maris Bortoni-Ricardo, principalmente os capítulos 1 e 2, e o livro “Preconceito linguístico: o que é, como se faz” de Marcos Bagno, com ênfase nos capítulos 1 e 3. Nesse momento, também foram organizadas as atividades a serem executadas na fase seguinte do estudo.

Na terceira etapa, foi realizada uma oficina pedagógica intitulada “Desconstruindo o preconceito linguístico”, na qual os alunos tiveram a oportunidade de apresentar e assistir a trabalhos que abordavam a temática em questão. Esta fase do trabalho iniciou-se com a exibição do documentário “A brasilidade no falar”, produzido pela TV

Justiça. Em seguida, os alunos participantes da pesquisa apresentaram cordéis produzidos por eles mesmos, cujos temas eram as variações linguísticas e a necessidade de combater o preconceito linguístico. Essas apresentações foram dinâmicas e o mais ilustrativas possível, com o uso de cartazes e xilogravuras.

6 APLICAÇÃO DA PROPOSTA DIDÁTICA

Para Gritti, Melo e Oliveira (2023), o preconceito linguístico é uma forma de discriminação que ocorre quando uma pessoa é julgada e tratada de maneira inferior devido às suas características linguísticas, como sotaque, vocabulário ou gramática. Esse tipo de preconceito pode afetar a autoestima e a identidade cultural dos indivíduos. Diante disso, a aplicação de propostas pedagógicas que abordem e combatam o preconceito linguístico torna-se fundamental.

Através de atividades que estimulam a reflexão crítica e a empatia, como a análise de tirinhas e questionários sobre experiências pessoais, é possível sensibilizar alunos e professores sobre a diversidade linguística e incentivar a valorização das diferentes formas de expressão. Essas iniciativas promovem um ambiente educacional mais inclusivo e respeitoso, essencial para a formação de cidadãos conscientes e preparados para conviver em uma sociedade plural.

6.1 Aplicação do questionário

Pensando na importância da aplicação de propostas pedagógicas, foram aplicados 32 questionários aos alunos de uma turma de primeiro ano do ensino médio, todos na faixa etária entre 15 a 16 anos. Cada questionário continha seis questões que abordavam situações de preconceito linguístico. A primeira questão envolvia uma tirinha ilustrando uma situação de preconceito linguístico em sala de aula, na qual os alunos expressaram suas opiniões sobre a cena apresentada. Das 32 respostas coletadas, três foram selecionadas para uma análise detalhada dos resultados do estudo.

Após a análise das três respostas selecionadas referentes à questão da tirinha, ficou claro que os alunos têm consciência do que é o preconceito linguístico. Especificamente, no questionário número 3 (Figura 1), em que o aluno demonstrou um entendimento claro sobre o tema, além de perceber que a tirinha pode ser interpretada de várias maneiras diferentes. Além disso, o aluno conseguiu identificar claramente uma situação de preconceito linguístico praticado pela professora. Para Silva (2021), os educadores devem ficar atentos às suas

práticas pedagógicas e atitudes em sala de aula. Pois muitas vezes de forma inconsciente podemos estar praticando o preconceito linguístico sem ao menos perceber. Segundo Gritti, Melo e Oliveira (2023), o preconceito linguístico quando praticado no ambiente escolar pode gerar implicações sérias no processo de ensino e aprendizagem do aluno.

Figura 1: Resposta do participante 3

1. Como você descreveria a situação expressa na tirinha abaixo?

© 1995 MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES

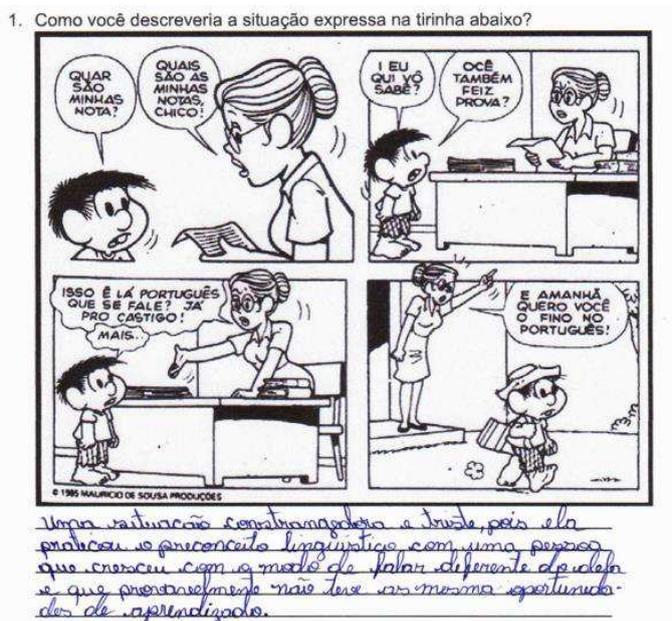
Essa situação tem diversas interpretações, mas a tirinha mostra claramente o preconceito da professora, pensando que o chico ela denunciando com ela só porque ele tem esse jeito diferente de falar.

Fonte: Resultados da Pesquisa (2024)

O preconceito linguístico é um fenômeno que pode gerar impactos negativos profundos, especialmente quando perpetuado por indivíduos em posições de autoridade, como professores. Conforme apontado na resposta do questionário número 7 (Figura 2), o aluno expressa indignação ao relatar uma cena de preconceito linguístico cometida por uma professora, evidenciando a gravidade da situação. Essa indignação reflete a decepção e o desconforto causados pela atitude da professora, destacando a responsabilidade que os educadores têm em suas interações e na forma como expressam suas opiniões em sala de aula.

Segundo Bagno (2002), a linguagem é um elemento fundamental na construção da identidade e no exercício da cidadania. Além disso, Bagno argumenta que o preconceito linguístico não só perpetua desigualdades sociais, mas também compromete a formação dos estudantes, afetando sua autoestima e desempenho acadêmico. Para Bagno, é crucial que os educadores estejam cientes de suas atitudes e discursos, evitando práticas discriminatórias e promovendo um ambiente inclusivo e respeitoso para todos os alunos.

Figura 2: Resposta do participante 7

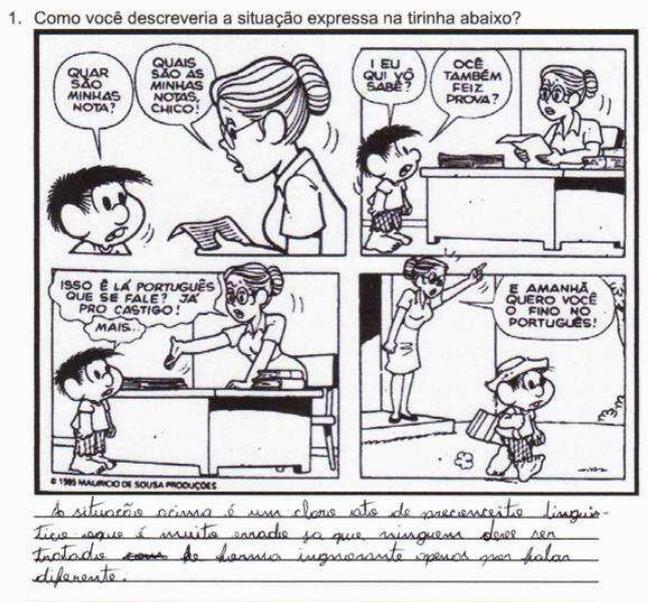


Fonte: Resultados da Pesquisa (2024)

Após analisar a última resposta escolhida (Figura 3), compreende-se que os alunos possuem conhecimento sobre o assunto preconceito linguístico. Eles entendem que essa prática é constrangedora para aqueles que a experienciam. A resposta dos alunos revela que eles não apenas reconhecem as manifestações do preconceito linguístico, mas também entendem os impactos negativos que essas atitudes podem causar, tanto no ambiente escolar quanto na vida pessoal dos indivíduos afetados.

Essa compreensão dos alunos está alinhada com os estudos de Marcuschi (2001), que discute a importância da conscientização crítica sobre a linguagem e suas variações. Marcuschi argumenta que a educação linguística deve incluir a discussão sobre preconceito e discriminação, capacitando os estudantes a identificar e enfrentar essas questões. Ele destaca que, ao compreenderem as variações linguísticas e as dinâmicas de poder associadas a elas, os alunos podem desenvolver uma postura mais crítica e inclusiva, contribuindo para a promoção de um ambiente escolar mais justo e equitativo.

Figura 3: Resposta do participante 21



Fonte: Resultados da Pesquisa (2024)

Referente à pergunta de número dois do questionário, foram analisadas três respostas. Na pergunta, o aluno foi questionado se já foi vítima de preconceito linguístico. O primeiro aluno respondeu que nunca passou por esse tipo de situação, porém já presenciou algumas situações de preconceito linguístico em seu seio familiar (Figura 4). Ele destacou que essas experiências foram marcantes e trouxeram uma consciência crítica sobre o uso da língua e suas variações.

Essas observações estão de acordo com os estudos de Bagno (2002), sobre preconceito linguístico, pois ele argumenta que o preconceito linguístico é uma forma de discriminação que reforça as desigualdades sociais e culturais. Ao testemunhar situações de preconceito linguístico no ambiente familiar, o aluno desenvolveu uma percepção crítica sobre as variações linguísticas e a importância de respeitar e valorizar a diversidade linguística. Essa conscientização é essencial para promover um ambiente mais inclusivo e equitativo, tanto na esfera familiar quanto na sociedade em geral.

Figura 4: Resposta do participante 3

2. Você já foi vítima de preconceito linguístico? Descreva:

a) Não

b) Sim

Nunca passei, porém já presenciei algumas situações principalmente quando algum parente, conhecido tem passe uma temporada aqui; "ainda mais se ele for de outro estado"

Fonte: Resultados da Pesquisa (2024)

Outro aluno respondeu que já foi vítima de preconceito linguístico. Ele relatou que é constantemente corrigido em decorrência de seu modo de falar, o que tem gerado desconforto e insegurança ao se comunicar (Figura 5). O discente mencionou que essas correções são frequentemente feitas de maneira desrespeitosa e discriminatória, afetando sua autoestima e sua confiança em ambientes sociais e acadêmicos. Ele destacou que as críticas geralmente se referem ao seu sotaque regional e ao uso de expressões locais, que são vistos de forma pejorativa por algumas pessoas. Essas experiências trouxeram uma consciência crítica sobre as barreiras linguísticas e a importância de combater o preconceito linguístico para promover um ambiente mais inclusivo e respeitoso.

Marcuschi (2001), argumenta que a linguagem é um elemento central na construção de identidades sociais e que o preconceito linguístico é uma forma de discriminação que afeta diretamente a autoestima e a integração social dos indivíduos. Ele destaca que as críticas ao sotaque regional e ao uso de expressões locais refletem uma visão elitista e homogênea da língua, que desconsidera a riqueza da diversidade linguística brasileira. Para Marcuschi, é fundamental promover a valorização das variedades linguísticas e combater atitudes preconceituosas para garantir um ambiente educacional e social mais inclusivo e respeitoso.

Figura 5: Resposta do participante 1

2. Você já foi vítima de preconceito linguístico? Descreva:

a) Não

b) Sim

com a minha fala as pessoas fura me corrigindo as pessoa das brincam comigo como eu falo

Fonte: Resultados da Pesquisa (2024)

Este participante respondeu que já foi vítima de preconceito linguístico. Ele relatou que sofre preconceito devido à pronúncia incorreta de certas palavras. Essas experiências ocorrem principalmente em contextos escolares e sociais, onde frequentemente é ridicularizado e corrigido de maneira desrespeitosa. O aluno explicou que essa situação tem gerado um sentimento de vergonha e insegurança ao se expressar verbalmente, o que impacta negativamente sua participação em discussões e apresentações orais. Essas vivências ressaltam a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e empática no tratamento das diversidades linguísticas, visando criar um ambiente onde todos possam se comunicar com confiança e respeito (Figura 6).

Para abordar essa questão, é importante considerar os argumentos de Bagno (1999), que discute como o preconceito linguístico está enraizado nas estruturas sociais e educativas, perpetuando desigualdades e marginalizando falantes de variedades linguísticas não prestigiadas. Ele defende uma educação linguística que valorize a diversidade e promova a inclusão, permitindo que todos os indivíduos se sintam respeitados e confiantes ao se expressar. Bagno propõe que a educação deve enfatizar o respeito pelas diversas formas de falar, reconhecendo-as como legítimas e válidas. Isso implica na necessidade de uma formação docente que capacite os professores a lidar de maneira empática e inclusiva com as diferenças linguísticas dos alunos, criando um ambiente educacional onde a diversidade linguística seja vista como um recurso valioso e não como um problema.

Figura 6: Resposta do participante 27

2. Você já foi vítima de preconceito linguístico? Descreva:

a) () Não

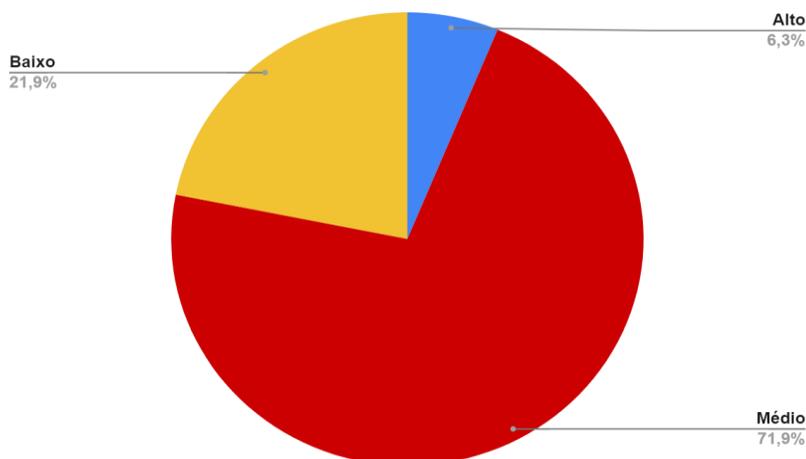
b) Sim

Sim. algumas vezes por conta de
pronúncia palavras erradas

Fonte: Resultados da Pesquisa (2024)

Na pergunta de número três, os entrevistados foram questionados sobre como descreveriam seu nível de conhecimento sobre as variedades da língua e o preconceito linguístico. 6,3% dos entrevistados responderam ter um conhecimento alto. 71,9% afirmam ter um conhecimento médio, enquanto 21,9% reconhecem ter um conhecimento baixo (Gráfico 1). Alguns entrevistados explicaram que, embora estejam cientes da existência de diferentes variações linguísticas e do preconceito associado a elas, sentem que seus entendimentos sobre o assunto ainda são limitados.

Gráfico 1: Nível de conhecimento sobre as variedades da língua e o preconceito linguístico.



Fonte: Resultados da Pesquisa (2024)

Os alunos reconheceram a importância de compreender as diferentes variações linguísticas e os impactos do preconceito, mas admitiram que sua formação até o momento não proporcionou uma base sólida nesse campo. Eles expressaram interesse em aprender mais sobre o assunto, pois acreditam que um maior conhecimento poderia ajudar a promover um ambiente mais inclusivo e respeitoso para todos os falantes. Fiorin (2006) destacar que é essencial que a formação educacional inclua o estudo das variações linguísticas, permitindo que os alunos desenvolvam uma consciência crítica sobre o tema e valorizem a diversidade.

Na pergunta de número quatro, os entrevistados foram questionados se já praticaram preconceito linguístico alguma vez. Em um dos questionários, o entrevistado respondeu que sim. Ele explicou que, em uma ocasião, discriminou uma pessoa por ter um jeito de falar diferente do dele (Figura 7). O aluno admitiu que sua atitude foi baseada em um preconceito inconsciente, refletindo uma falta de compreensão e respeito pelas variedades linguísticas. Ele reconheceu que essa experiência o fez refletir sobre a importância de valorizar a diversidade linguística e de evitar julgamentos baseados em estereótipos. Desde então, ele tem se esforçado para ser mais consciente e respeitoso em relação às diferenças na forma de falar das pessoas ao seu redor, buscando promover um ambiente mais inclusivo e livre de preconceitos.

Bagno (1999) destaca que o preconceito linguístico está intimamente ligado a questões de poder e identidade. Segundo Bagno, a discriminação baseada na forma de falar de uma pessoa não é apenas um ataque à sua competência linguística, mas também uma agressão à sua identidade cultural e social. Ele argumenta que esse tipo de preconceito é

perpetuado por uma ideologia que considera certos padrões de língua como superiores e mais legítimos, enquanto relega outros a uma posição de inferioridade.

Figura 7: Resposta do participante 7

4. Você já praticou preconceito linguístico? Descreva:

a) () Não

b) () Sim

Sim, porque a pessoa tinha o jeito de falar diferente do meu.

Fonte: Resultados da Pesquisa (2024)

Outro entrevistado também respondeu que já praticou preconceito linguístico. Ele admitiu que costuma corrigir seus irmãos e colegas quando eles usam determinadas variações linguísticas ou cometem erros de pronúncia (Figura 8). O aluno explicou que, embora sua intenção fosse ajudar, percebeu que suas correções frequentes eram interpretadas como críticas desrespeitosas. Ele reconheceu que essas atitudes podem contribuir para a insegurança e a desvalorização das formas de falar das pessoas ao seu redor. Refletindo sobre suas ações, o entrevistado mencionou que agora entende a importância de respeitar as diferenças linguísticas e de promover uma comunicação mais inclusiva e empática.

Figura 8: Resposta do participante 1

4. Você já praticou preconceito linguístico? Descreva:

a) () Não

b) () Sim

Sim, às vezes corrigi meu irmão e meus colegas

Fonte: Resultados da Pesquisa (2024)

Um terceiro entrevistado também respondeu que pratica o preconceito linguístico. Ele relatou que isso acontece quando as pessoas pronunciam palavras erradas perto dele (Figura 9). O aluno confessou que tende a corrigir essas pessoas de forma imediata e, muitas vezes, sem considerar os sentimentos delas. Ele reconheceu que suas ações podem ser vistas como desrespeitosas e que, ao corrigir os outros constantemente, acaba contribuindo para um ambiente de insegurança e desconforto. Ao refletir sobre seu comportamento, o entrevistado percebeu a importância de ser mais tolerante e compreensivo com as variações na fala das pessoas ao seu redor. Para Gritti, Melo e Oliveira (2023), ao corrigir de maneira insistente e não considerada, cria-se um ambiente que pode ser percebido como hostil e desrespeitoso, em vez de promover um diálogo construtivo e inclusivo.

Figura 9: Resposta do participante 27

4. Você já praticou preconceito linguístico? Descreva:

a) Não

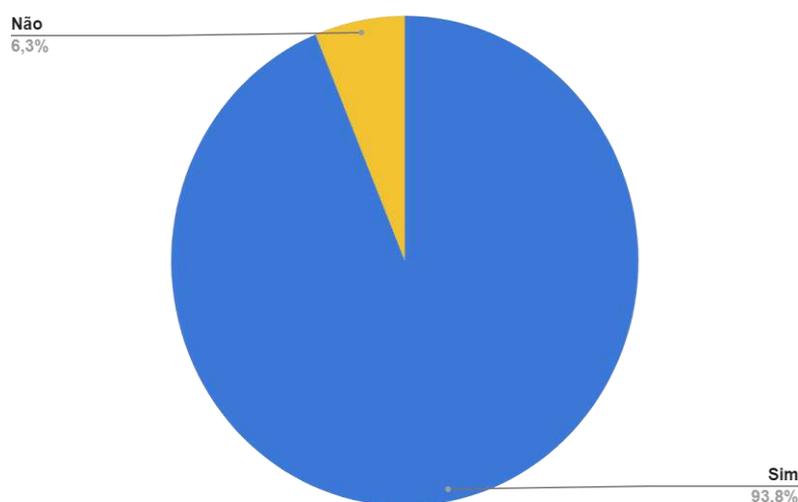
b) Sim

Sim, percento pronuncia com palavras de uma maneira errada como pedra, m. greta e sem se esquecer das frases como "isso é muito mais bem"

Fonte: Resultados da Pesquisa (2024)

Na quinta pergunta (Gráfico 2), os entrevistados foram questionados se consideram a escola um ambiente onde se pratica o preconceito linguístico. A grande maioria, 93,8%, respondeu afirmativamente, indicando que percebem a presença dessa forma de discriminação no ambiente escolar. Apenas 6,3% dos entrevistados discordaram dessa afirmação. De acordo com Bagno (1999), o preconceito linguístico é um fenômeno comum no ambiente escolar, onde a variação linguística é frequentemente desvalorizada e vista como inferior. Bagno argumenta que esse preconceito não apenas marginaliza certos grupos de estudantes, mas também perpetua a desigualdade social e educacional. Segundo ele, o tratamento desigual das diferentes formas de fala contribui para a manutenção de um sistema educacional excludente e preconceituoso.

Gráfico 2: Porcentagem dos entrevistados que consideram a escola um ambiente onde se pratica o preconceito linguístico.



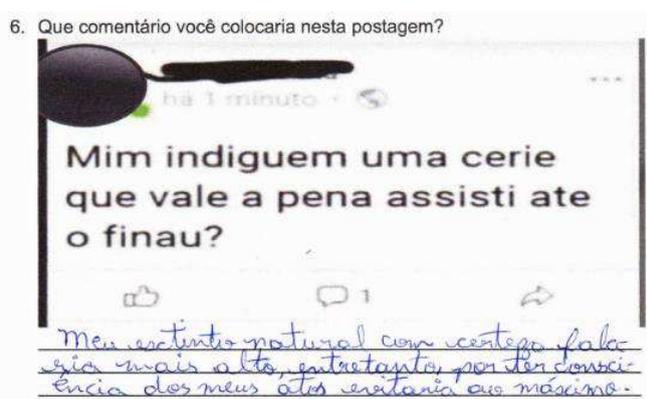
Fonte: Resultados da Pesquisa (2024)

A Figura 10 apresenta a resposta do questionário número um utilizado na pesquisa. Na pergunta, os entrevistados foram questionados sobre que tipo de comentário fariam em uma postagem feita em uma rede social que apresentava diversos erros gramaticais.

Como resposta, o primeiro entrevistado afirmou que seu instinto natural o levaria a corrigir a pessoa que fez a postagem em relação aos erros gramaticais. No entanto, ele também mencionou que, por estar consciente do preconceito linguístico, optaria por não fazer essa correção.

Essa resposta inicial destaca a tensão entre o impulso de corrigir erros gramaticais e a consciência do impacto social e emocional que essa correção pode ter. O entrevistado demonstra uma compreensão das implicações do preconceito linguístico, que envolve discriminação com base no uso da linguagem e pode perpetuar desigualdades sociais. Ao decidir não corrigir, o entrevistado mostra uma sensibilidade para com as possíveis consequências negativas que tal ação poderia provocar, como constrangimento ou reforço de estereótipos. De acordo com Bortoni-Ricardo (2005), o preconceito linguístico é um fenômeno que reflete desigualdades sociais e é frequentemente associado a atitudes discriminatórias contra variantes linguísticas não padrão. O entrevistado demonstra uma consciência crítica ao optar por não corrigir os erros gramaticais, reconhecendo que a correção pode ter um impacto negativo e contribuir para o preconceito linguístico. Essa perspectiva está alinhada com a visão de Bortoni-Ricardo (2005), que destaca a importância de considerar as implicações sociais das nossas interações linguísticas e a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e empática no uso da linguagem.

Figura 10: Resposta do participante 1

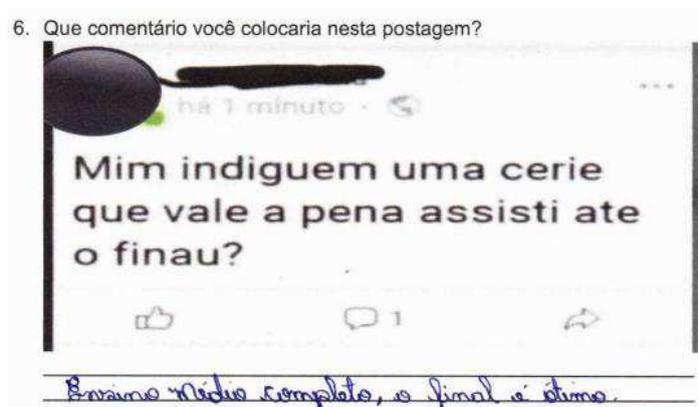


Fonte: Resultados da Pesquisa (2024)

Na Figura 11, correspondente ao questionário número sete, o entrevistado mencionou que diria ao autor da postagem para voltar para o ensino médio. Esta resposta sugere uma abordagem mais direta e possivelmente mais crítica, refletindo uma frustração ou impaciência com os erros gramaticais observados. De acordo com a visão de Bagno (2014) a sugestão de que alguém retorne ao ensino médio devido a erros gramaticais pode ser vista

como uma expressão de desdém e desrespeito, refletindo uma falta de empatia e uma visão punitiva em relação às diferenças linguísticas.

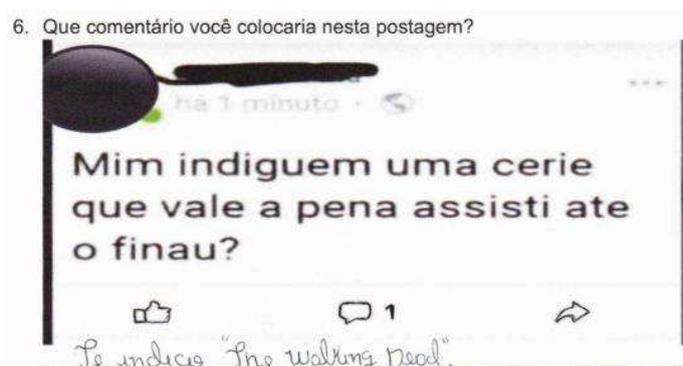
Figura 11: Resposta do participante 7



Fonte: Resultados da Pesquisa (2024)

Já na Figura 12, referente ao questionário número vinte e sete, o entrevistado respondeu de uma maneira mais leve e talvez humorística, sugerindo o nome de uma série para o autor da postagem. Esta resposta mostra uma tentativa de lidar com a situação de forma menos confrontacional, optando por uma abordagem que poderia ser percebida como mais amigável ou indireta.

Figura 12: Resposta do participante 27



Fonte: Resultados da Pesquisa (2024)

O comportamento dos entrevistados ao longo dos questionários indica uma evolução na forma de lidar com erros gramaticais em postagens de redes sociais. Apesar das variações nas respostas, é evidente que os entrevistados têm uma consciência do preconceito linguístico e, em última análise, evitar práticas que possam ser prejudiciais ou discriminatórias. Essa evolução e diversidade de respostas refletem a complexidade das

interações sociais mediadas pela linguagem e a importância de considerar contextos e sensibilidades individuais ao interagir *online*.

6.2 Palestra sobre Variação e o Preconceito Linguístico

Após a coleta e análise dos questionários, avançamos para a próxima etapa, a palestra sobre variação linguística, preconceito linguístico e a aceitação das variedades da língua. A palestra foi realizada no pátio da instituição a pedido da gestão e foi direcionada a todas as turmas, não apenas àquelas envolvidas diretamente na pesquisa.

Iniciamos a palestra com uma reflexão sobre o papel da escola em relação à variação e ao preconceito linguístico. Utilizamos Bortoni-Ricardo (2005) para fundamentar nossa abordagem, destacando a importância de reconhecer e respeitar as diferentes formas de expressão linguística. Segundo Bortoni-Ricardo (2005, p.15), “A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa.” Esse ponto de partida foi crucial para enfatizar que todos os membros da comunidade escolar — professores, gestores e alunos — devem ser agentes promotores do respeito às diversas variedades linguísticas.

Em seguida, com base no capítulo 2 da obra “Nós chegamos na escola, e agora? Sociolinguística & Educação” de Bortoni-Ricardo (2005), abordamos a necessidade de reconhecer os fenômenos de variação linguística como fatores naturais e sociais que merecem aceitação. Discutimos a importância de considerar essas variações para evitar práticas preconceituosas e segregadoras relacionadas ao uso da língua portuguesa. Bortoni-Ricardo (2005, p. 20) argumenta que “As diferenças na estrutura social, nas normas e valores culturais, que condicionam o comportamento linguístico, têm de ser devidamente consideradas.”

A palestra prosseguiu com uma análise crítica dos mitos e ideias equivocadas sobre a língua portuguesa no Brasil, utilizando a obra “Preconceito Linguístico: o que é, como se faz” de Marcos Bagno. Bagno (1999) descreve como o preconceito linguístico se manifesta em uma série de crenças errôneas que afetam negativamente a percepção da língua portuguesa e de seus falantes. Entre os mitos abordados, estão:

A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente.

Brasileiro não sabe português” / “Só em Portugal se fala bem português.

Português é muito difícil.

As pessoas sem instrução falam tudo errado.

O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão.

O certo é falar assim porque se escreve assim.

É preciso saber gramática para falar e escrever bem.

O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social.

A apresentação desses mitos gerou uma participação intensa dos alunos, que expressaram surpresa ao descobrir que muitos desses conceitos, que eles acreditavam ser verdades absolutas, eram na realidade equívocos. Muitos relataram que esses mitos foram, inclusive, reforçados por professores ao longo de sua trajetória educacional.

Para concluir a palestra de forma eficaz, exploramos o capítulo 2 da obra de Marcos Bagno sobre “a desconstrução do preconceito linguístico”. Utilizamos trechos específicos para sensibilizar os alunos quanto às atitudes necessárias para enfrentar e superar o preconceito linguístico. Bagno (1999) sugere várias abordagens úteis para romper o ciclo de preconceito, incluindo: o reconhecimento da crise, mudança de atitude, reavaliação da noção de erro, revisão de opiniões antigas, busca por um equilíbrio que não relativize nem seja excessivamente rígido, e a superação da obsessão ortográfica, que prioriza a correção de erros em detrimento da análise do conteúdo.

Essa abordagem final buscou não apenas desmistificar as crenças errôneas, mas também promover uma reflexão crítica sobre como atitudes e práticas podem ser ajustadas para favorecer um ambiente mais inclusivo e respeitador das diferentes variedades da língua portuguesa. A Figura 13 mostra o momento de realização da palestra.

Figura 13: Realização da palestra



Fonte: Resultados da Pesquisa (2024)

6.3 Apresentação dos Cordéis

Ao fim do nosso segundo encontro, solicitamos aos participantes da pesquisa que, em casa, preparassem cordéis sobre preconceito e variação linguística, abordando esses assuntos com base no que havíamos trabalhado nos encontros anteriores. Escolhemos essa forma de literatura por valorizar dialetos e gírias. As apresentações dos cordéis ocorreram em nosso terceiro e último encontro, precedidas pela exibição do documentário “A brasilidade no falar”, produzido pela TV Justiça. A seguir, discorreremos sobre essas ações.

De acordo com Bagno (1999), o preconceito linguístico é uma questão social complexa que afeta a comunicação e as relações interpessoais em diversas camadas da sociedade. Diante disso, a proposta didática também buscou trazer à tona essa discussão por meio da exibição de um documentário seguido da apresentação de cordéis produzidos pelos próprios estudantes. Este projeto visou não apenas sensibilizar os jovens sobre as consequências do preconceito linguístico, mas também incentivá-los a explorar e valorizar a diversidade cultural presente na linguagem.

A exibição do referido documentário serviu como um ponto de partida crucial para introduzir o tema do preconceito linguístico. Este documentário, cuidadosamente selecionado, apresentou diversas situações reais em que pessoas foram julgadas ou discriminadas com base em seu modo de falar. A narrativa destacou como as variações linguísticas, muitas vezes, são erroneamente associadas à falta de inteligência ou competência, quando, na verdade, refletem a riqueza e a diversidade cultural de um povo. A Figura 14 mostra o momento da exibição do documentário.

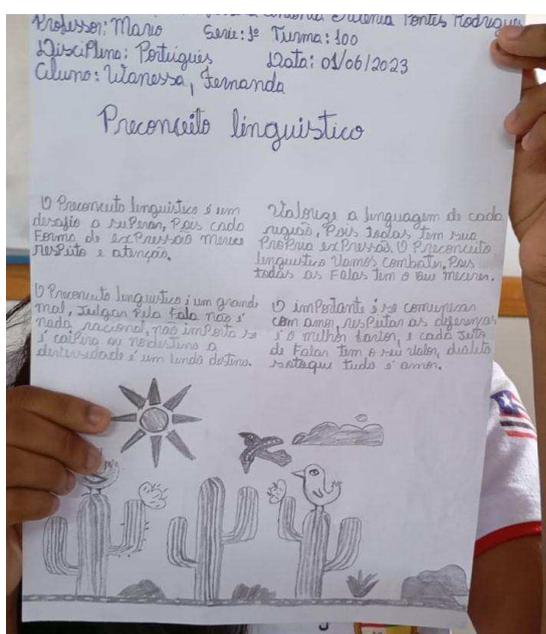
Figura 14: Apresentação do documentário



Fonte: Resultados da Pesquisa (2024)

Após a exibição do documentário, os alunos foram convidados a expressar suas impressões e sentimentos por meio de uma atividade criativa: a produção de cordéis. Essa forma de literatura de cordel, tradicional no nordeste do Brasil, proporcionou aos estudantes uma maneira autêntica de se engajarem com o tema. Nos cordéis, os alunos abordaram suas experiências pessoais, histórias fictícias e reflexões sobre o impacto do preconceito linguístico em suas vidas e comunidades. Dos cordéis apresentados, quatro foram selecionados para serem analisados. A Figura 15 mostra o primeiro cordel selecionado.

Figura 15: Cordel 1- A superação do preconceito linguístico.



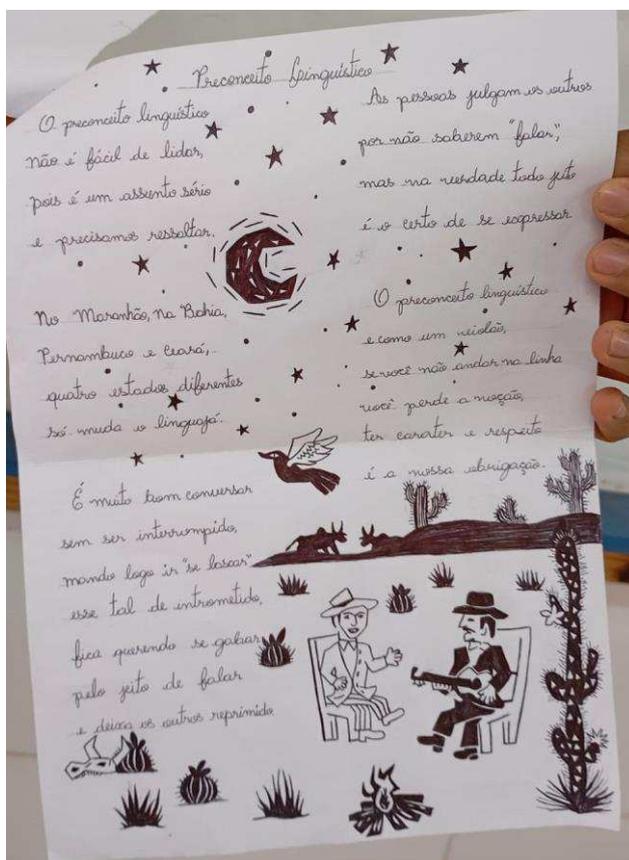
Fonte: Resultados da Pesquisa (2024)

Nos primeiros versos do cordel, os alunos escrevem: “O preconceito linguístico é um desafio a superar, pois cada forma de expressão merece respeito e atenção.” Este trecho revela a visão dos alunos sobre a necessidade de enfrentar o preconceito linguístico, assim como a consciência de que é essencial respeitar as diferentes formas de falar o português. É interessante notar que eles também mencionam que cada forma de expressão merece atenção. Isso significa que, além de evitar desvalorizar ou criticar o modo como alguém fala, é necessário valorizar essa diversidade.

Outro verso notável é: “Valorize a linguagem de cada região, pois todas têm sua própria expressão. O preconceito linguístico vamos combater, pois todas as falas têm o que merecer.” Aqui, os alunos expressam a importância de valorizar os dialetos regionais, destacando que cada região tem sua própria forma de expressão, ou seja, suas maneiras particulares de falar. Na parte final desse trecho, os alunos mais uma vez enfatizam a

necessidade de combater o preconceito linguístico, o que demonstra que eles foram positivamente impactados pelas nossas ações anteriores. A Figura 16 apresenta o segundo cordel selecionado para análise.

Figura 16: Cordel 2- O preconceito linguístico e sua regionalidade.

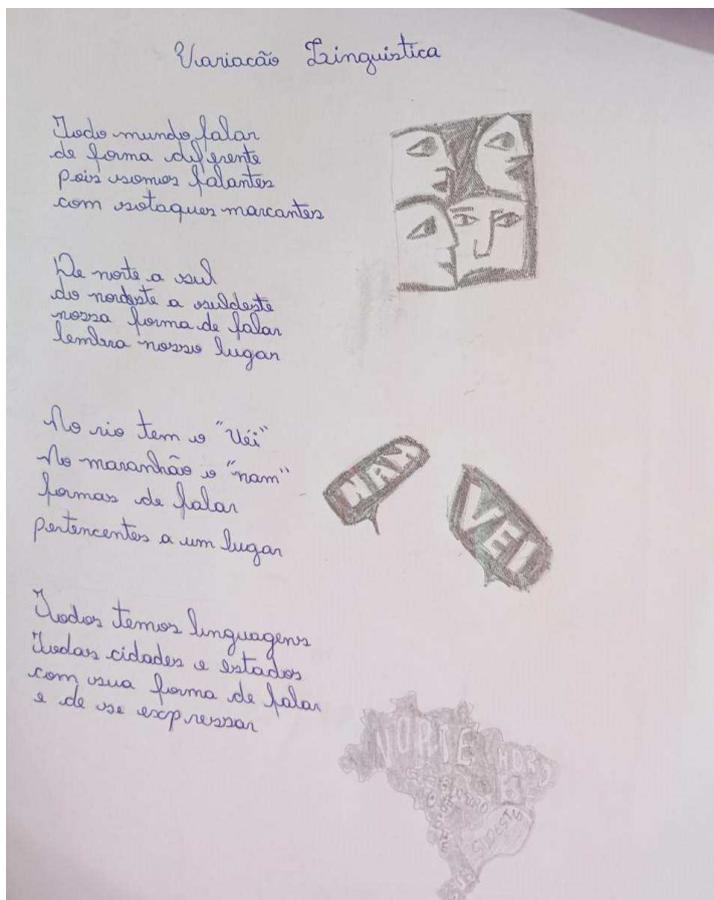


Fonte: Resultados da Pesquisa (2024)

Nesse segundo cordel selecionado, o aluno destaca, em seus versos iniciais, a importância de discutirmos o preconceito linguístico. Ele escreve: “O preconceito linguístico não é fácil de lidar, pois é um assunto sério e precisamos ressaltar.” Aqui, o aluno enfatiza que esse tipo de preconceito é complexo e difícil de enfrentar, um fato inquestionável e lamentável. Além disso, o aluno ressalta a necessidade de debater e discutir esse problema, algo igualmente irrefutável.

Outro verso que merece análise é: “As pessoas julgam as outras por não saberem 'falar', mas na verdade todo jeito é o certo de se expressar.” Neste trecho, encontramos uma verdadeira ilustração do que é o preconceito linguístico: nada mais do que um julgamento indevido sobre a maneira como os outros falam, uma conclusão precipitada e injusta sobre o modo como as pessoas expressam suas ideias em um idioma. A Figura 17 apresenta o terceiro cordel selecionado para análise.

Figura 17: Cordel 3- Variação Linguística



Fonte: Resultados da Pesquisa (2024)

No terceiro cordel selecionado, intitulado “Variação Linguística”, o aluno inicia o primeiro verso afirmando: “Todo mundo fala de forma diferente, pois somos falantes com sotaques marcantes”. Neste fragmento, é descrita uma obviedade que muitos não percebem, o que acaba fomentando o preconceito linguístico. Todos falam de maneira diferente, ou seja, ninguém fala exatamente igual a outra pessoa, seja entre doutores e agricultores, ou até mesmo entre indivíduos da mesma profissão. As pessoas possuem modos diversos de se expressar, e é essencial que se respeite e acolha essa diversidade.

Outro trecho do cordel aborda as memórias que influenciam nossa forma de falar: “De norte a sul, do nordeste a sudeste, nossa forma de falar lembra nosso lugar”. Assim como dizem os antigos, "somos o que comemos"; curiosamente, isso também pode ser aplicado à nossa relação com o lugar onde vivemos. Afinal, somos literalmente parte desse espaço. É exatamente essa ideia que o discente apresenta nesse trecho: nossa forma de falar é fruto do

nosso lugar de origem e das experiências que carregamos. A Figura 18 apresenta o quarto cordel selecionado para análise.

Figura 18: Cordel 4 - Linguagem Moderna



Fonte: Resultados da Pesquisa (2024)

No cordel intitulado “Linguagem Moderna”, os alunos abordam uma questão muito importante em um de seus versos: “No Brasil, um país grande com diversidade, cada região com sua peculiaridade, mas esse preconceito persiste, de norte a sul, julgando o modo de falar sem valor algum”. Nesse verso, os discentes denunciam a persistência do preconceito linguístico em um país vasto e diverso como o Brasil, onde as peculiaridades regionais deveriam ser valorizadas, mas muitas vezes são alvo de julgamento e desvalorização.

Em outro verso, os alunos destacam: “Todos temos uma língua materna a qual aprendemos a falar, mas a atualidade moderna insiste em nos julgar”. Aqui, eles expressam a frustração com o fato de que, mesmo em tempos modernos, ainda há uma tendência a julgar as pessoas com base em sua forma de falar, revelando como o preconceito linguístico é uma prática persistente e frequente na sociedade.

A apresentação dos cordéis foi um momento especial, no qual cada aluno teve a oportunidade de compartilhar seu trabalho com os colegas. Os cordéis não apenas demonstraram a compreensão dos alunos sobre o preconceito linguístico, mas também destacaram suas habilidades literárias e artísticas. Essa experiência educativa ressaltou a importância de abordar o preconceito linguístico de maneira crítica e reflexiva nas escolas. Os

estudantes, além de aprenderem sobre as formas de discriminação relacionadas à linguagem, foram incentivados a celebrar e respeitar as diferenças linguísticas.

Além disso, a atividade reforçou a ideia de que a linguagem é uma expressão vital da identidade cultural e deve ser valorizada em todas as suas formas. O projeto também contribuiu para o desenvolvimento de habilidades essenciais nos alunos, como o pensamento crítico, a empatia e a capacidade de comunicação. Ao se engajarem em discussões e atividades criativas sobre o preconceito linguístico, os estudantes se tornaram mais conscientes de seu papel na promoção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

7 CONCLUSÃO

Não é de hoje que o preconceito linguístico tem uma presença marcante na sociedade brasileira. Desde o período colonial, o português coloquial, falado pelas camadas populares, vem enfrentando um processo contínuo de marginalização em comparação com a norma padrão, muitas vezes associada às elites e aos centros de poder. Esse fenômeno de desvalorização linguística é sustentado por uma crença infundada e preconceituosa de que qualquer forma de expressão que se afaste da norma padrão é ineficaz para a comunicação ou mesmo indigna de respeito. No entanto, em um país tão vasto e culturalmente diverso como o Brasil, essa visão é não apenas limitada, mas também perigosa, pois ignora a riqueza que a pluralidade linguística traz para a identidade nacional.

A língua falada e escrita no Brasil é um reflexo direto das múltiplas influências culturais, étnicas e sociais que compõem o tecido da nação. Desde a época colonial, o português se misturou com línguas indígenas, africanas e, mais tarde, com as de imigrantes de diferentes partes do mundo. Esse caldeirão cultural gerou variantes linguísticas que são legítimas expressões da identidade dos diversos grupos que formam a sociedade brasileira. No entanto, a norma padrão, amplamente divulgada e exigida em contextos formais, como a educação e o mercado de trabalho, frequentemente desqualifica essas variantes, rotulando-as como “incorretas” ou “inferiores”.

Neste contexto, a escola desempenha um papel crucial na formação das percepções linguísticas dos estudantes. Compreendendo a importância desse papel, buscou-se investigar e compreender o fenômeno do preconceito linguístico dentro do ambiente escolar. As atividades propostas e implementadas na 1ª série do Ensino Médio da Escola Professora Antônia Eirilênia Pontes Rodrigues, localizada em Araguaçu, Maranhão, mostraram-se eficazes na sensibilização dos estudantes sobre os danos causados pelo preconceito

linguístico. Essas atividades não só promoveram a conscientização sobre a diversidade linguística do país, mas também permitiram que os alunos refletissem sobre suas próprias atitudes e preconceitos.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, observou-se um avanço significativo na conscientização e no respeito pela diversidade linguística entre os alunos. As atividades de reflexão crítica, análise de casos reais e debates em sala de aula proporcionaram um espaço seguro e produtivo, onde os estudantes puderam compartilhar suas opiniões e experiências pessoais. Essas trocas de ideias foram fundamentais para a criação de um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso, no qual as diferenças linguísticas não são vistas como defeitos, mas como riquezas a serem celebradas.

No entanto, é importante destacar que o preconceito linguístico muitas vezes não é imediatamente perceptível para os alunos, pois está profundamente enraizado na cultura escolar e na sociedade em geral. Esse preconceito é frequentemente reproduzido de forma inconsciente, tanto por professores quanto por alunos, o que reforça a necessidade de integrar o tema do preconceito linguístico no currículo escolar de maneira sistemática e contínua. Utilizando uma variedade de ferramentas didáticas, como textos literários, vídeos documentais e dinâmicas de grupo, foi possível tornar o aprendizado mais acessível e envolvente, promovendo um maior engajamento dos alunos com o tema.

A realidade local, caracterizada pela coexistência de diferentes variantes do português, tanto urbanas quanto rurais, ofereceu um campo fértil para a observação e a intervenção pedagógica. A interação direta com os alunos e a análise cuidadosa de suas produções escritas evidenciaram uma evolução positiva nas percepções e atitudes em relação à diversidade linguística. Os alunos passaram a reconhecer que suas próprias formas de falar, e as de seus colegas, têm valor e legitimidade, independentemente de estarem mais ou menos próximas da norma padrão. Esse reconhecimento é um passo importante para combater o preconceito linguístico e promover uma educação mais inclusiva.

As contribuições deste trabalho vão além da simples sensibilização sobre o preconceito linguístico, pois promove uma reflexão crítica e transformadora no ambiente escolar. Através de atividades didáticas e intervenções pedagógicas, foi possível criar um espaço inclusivo onde os estudantes puderam desconstruir preconceitos arraigados e valorizar a pluralidade linguística presente em suas próprias realidades. Esse processo, ao incentivar o respeito e a aceitação das diversas formas de expressão, fortalece não apenas a identidade individual dos alunos, mas também o senso de coletividade e justiça social, elementos essenciais para uma educação mais equitativa.

Portanto, conclui-se que a implementação de propostas pedagógicas voltadas para o combate ao preconceito linguístico é essencial para a promoção de um ambiente escolar inclusivo e respeitoso. A valorização da diversidade linguística deve ser constantemente incentivada para combater todas as formas de discriminação associadas às variações da língua. Espera-se que este trabalho inspire futuras iniciativas educativas que busquem construir uma sociedade mais justa e equitativa, onde todas as formas de expressão linguística sejam reconhecidas e respeitadas. Só assim será possível criar um espaço onde a pluralidade seja não apenas aceita, mas também celebrada como uma das maiores riquezas do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ABAURE, Bernadete. **Que é língua?** In XAVIER, Antônio Carlos; Cortez, Suzana (orgs.). *Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da Linguística*. São Paulo: Parábola, 2003.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2010.
- BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii**. 1 Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola. 1999.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2002.
- BAGNO, Marcos; RANGEL, Egon de Oliveira. Tarefas da educação linguística no Brasil. **Rev. Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 1, 2005.
- BERALDO, Jairo. **Preconceito linguístico**. Brasil Escola, 2023. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/portugues/preconceito-linguistico.htm>>. Acesso em: 08 jul. 2024.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?: Sociologia & educação**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2005. 14-15 p. v. 1.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. Ministério da Educação: 2001.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1998.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Ministério da Educação. Brasília, 2018.
- BRANDÃO-SILVA, Flávio; ROMUALDO, Edson Carlos; PEREIRA, Hércius Batista. **Da Variação Linguística à “Pedagogia da Variação”**: descrição e ensino de português. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.
- BRANDÃO-SILVA, Flávio; ROMUALDO, Edson Carlos; PEREIRA, Hércius Batista. **Linguagem e Inclusão: Teorias e Práticas Educacionais**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio. 2022.

CARMELINO, A. C. O pacto do insulto: variação estilística, moral e identificação em interações humorísticas. **Linguística**. v. 34-1, p. 29-49, 2018

CARVALHO, Solange Carlos de. Palestra sobre Atitudes Linguísticas do professor em sala de aula. In: **Especial Semana Nacional de Ciência e Tecnologia**. Engenho Massangano/Funda. Recife 21/10/2011. Disponível em: www.engenhomassangana.wordpress.com. Acesso em: 18 de out. de 2023.

CARVALHO, P. B. P. Relação entre língua e identidade: a fala denuncia quem somos. Revista Diálogos, v. 7, n. 1, 2019.

COELHO, Izete. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/ UFSC, 2010. 172 p.: 28.

COSTA, Catarina de Sena Siqueira Mendes da. **Variação/ Diversidade Linguística, oralidade e letramento**: discussões e propostas alternativas para o ensino de língua portuguesa, 2012. Disponível em: www.ileel.eifu.ler/anaisdosielp/pt/arquivos/Sielp2012/1438.pdf > .0, Acesso em 23 de abril de 2022.

CORREIA, Breno Oliveira; LISKA, Geraldo José Rodrigues. **Semântica Cultural e Diversidade Linguística Regional**. Estudos sobre o léxico de Campo do Meio, Sul de Minas Gerais. NOV 12 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/61515/35121#citations>. Acesso em: 07 jul. 2024.

CESÁRIO, M. M.; VOTRE, S.; COSTA, M. A. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 141.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira. Desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática. 2006.

GARCIA, Marcus Vinícius Carvalho. **A diversidade linguística como patrimônio cultural**. 2014. Ano 10. Edição 80. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=3053&Itemid=3. Acesso em: 07 jul. 2024.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino da língua portuguesa**. Curitiba: Editora Ibpex, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GRITTI, Alice; MELO, Edilaine Fernandes de; OLIVEIRA, Silvana Pereira Cardoso de. O preconceito linguístico e sua influência na aprendizagem. **Revista Educação em Foco** – Edição nº 15 – Ano: 2023.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística Aplicada**: Uma Abordagem Crítica. São Paulo: Parábola Editorial. 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática. 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística aplicada: na linha de frente da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial. 2001.

NASCIMENTO, Damiana Barros; SILVA, Robervânia de Lima Sá; COSTA, Tamara Cristina Penha; NEVES, Miranilde Oliveira; SUZUKI, Júlio César. **Diversidade linguística, cultural e relações étnicas em contextos de formação**. São Paulo: FFLCH/USP, 2022. 4,307 KB ; PDF. -- (Raízes da educação, v. 1).

NASCIMENTO, M.; OLIVEIRA, R.; SANTOS, P. **Variedades Linguísticas no Brasil**. Recife: UFPE. 2022.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática ensinar na escola?** São Paulo: Contexto, 2003

OLIVEIRA, Marcos de. **Como citar Agnome**. São Mateus: Guia da Monografia, 2020.

OLIVEIRA, Camila Ghizone de Oliveira; CASAGRANDE, Samira. Língua de Vera: O preconceito linguístico no ambiente escolar. **Saberes Pedagógicos**, Criciúma, v. 2, nº2, julho/dezembro 2018. – Curso de Pedagogia – UNESC.

SAVEDRA, Mônica; PEREIRA, Telma; GAIO, Mario. **Repertórios Plurilíngues em Situação de Contato**. Edições LCV: LABPEC, 2019, 152 p.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007

SILVA, Maria Lucélia Gonçalves da. O papel da escola como instrumento de combate ao preconceito linguístico. **Práticas Educativas Memórias e Oralidades** - Rev Pemo 3(2): fev, 2021.

SIMÕES, Pedro. Política, (educação de) língua e cultura: questões interdisciplinares para a pesquisa e o ensino de Língua Portuguesa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. ISSN: 1984-6398 v. 24, n. 2, 2024.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007.

VIEIRA, Marcielen Carvalho Costa; PAWLOWSKI, Cristiane. **Ensino de Português e Diversidade Linguística**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2020.

VIEIRA, Marcielen Carvalho Costa; PAWLOWSKI, Cristiane. **Variações linguísticas e análise da abordagem no livro didático**. Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, 2020.